

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

SAMIRA AHMAD ORRA

Tempo, aspecto e modo verbais e o gênero textual *carta do leitor*:

Análise de tarefas do Celpe-Bras

(versão corrigida)

São Paulo

2013

SAMIRA AHMAD ORRA

Tempo, aspecto e modo verbais e o gênero textual *carta do leitor*:

Análise de tarefas do Celpe-Bras

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosane de Sá Amado

São Paulo

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

ORRA, Samira Ahmad.

Tempo, aspecto e modo verbais e o gênero textual *carta do leitor*: Análise de tarefas do Celpe-Bras / ORRA, Samira – São Paulo, 2013.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Rosane de Sá Amado

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa.

1. Verbo. 2. Gênero textual. 3. Carta do leitor. 4. CELPE-Bras.

FOLHA DE APROVAÇÃO

SAMIRA AHMAD ORRA

Tempo, aspecto e modo verbais e o gênero textual *carta do leitor*:

Análise de tarefas do Celpe-Bras

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosane de Sá Amado

Aprovado em _____ de _____ de 2014

Banca Examinadora

Professor(a) Doutor(a): Rosane de Sá Amado

Instituição: _____ Assinatura: _____

Professor(a) Doutor(a): Beatriz Daruj Gil

Instituição: _____ Assinatura: _____

Professor(a) Doutor(a): Rogério Vicente Ferreira

Instituição: _____ Assinatura: _____

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1: Fundamentação Teórica.....	17
1.1 Gênero, Tipo e Texto	18
1.1.1 Carta do leitor.....	21
1.1.2 Verbos na prática argumentativa.....	23
1.2 Noções verbais	25
1.2.1 Tempo verbal.....	26
1.2.2 Modo verbal	29
1.2.3 Aspecto verbal.....	31
Capítulo 2: Metodologia.....	36
2.1 Características gerais do Celpe-Bras.....	36
2.1.1 A Correção	36
2.2 <i>Corpus</i>	38
2.2.1 Sobre os estudantes Colaboradores	40
2.3 Método da análise	43
Capítulo 3: Análise e Discussão	46
3.1 Análise do <i>corpus</i>	46
3.2 Discussão.....	72
Considerações finais	79
Referências	81
Anexos.....	85
Anexo 1: Texto da Tarefa II de leitura aplicada no Celpe-Bras (2008/1).....	86
Anexo 2: Texto da Tarefa I de leitura aplicada no Celpe-Bras (2008/2)	87
Anexo 3: Textos do Corpus.....	88
Apêndice.....	95

ÍNDICE DE TABELAS, FIGURAS E GRÁFICOS

Tabela 1: MUNDO COMENTADO E MUNDO NARRADO (Weinrich, 1974).....	25
Tabela 2: CARACTERÍSTICAS DOS MODOS VERBAIS DO PB SEGUNDO CASTILHO (2012, P. 440)	31
Tabela 3: TIPOLOGIA DO ASPECTO VERBAL - REPRODUÇÃO (CASTILHO, 2012 , P. 420).....	33
Tabela 4 - DADOS DOS ESTUDANTES	42
FIGURA 1: ASPECTO NUMA LINHA DO TEMPO (TRAVAGLIA, 2006).....	34
GRÁFICO 1 - PAÍSES DE ORIGEM DOS ESTUDANTES.....	40
GRÁFICO 2 - LÍNGUA MATERNA DOS ESTUDANTES.....	41

DEDICATÓRIA

Às professoras e aos professores que contribuem na construção de um mundo melhor.

Às amigas e aos amigos que aguardam a conclusão desta dissertação.

A minha família e amigos que acompanharam essa luta pela conclusão deste mestrado em Língua Portuguesa.

Dedico aos meus sobrinhos Noura, Ahmad e Dania, e à minha irmã, Mariem Ahmad Orra.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha força interior. A minha mãe, Lucy Nicolini, por tudo. E ao meu pai, Ahmad Abdul Malek Orra, *in memoriam*.

Aos meus professores por tudo que me ensinaram.

À Prof^ª Dr^ª Rosane de Sá Amado, pelo apoio e orientação, que muito me ensinou, contribuindo para meu crescimento pessoal e intelectual.

À Prof^ª Dr^ª Beatriz Daruj e ao Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira, pelas leituras e ricas observações no exame de qualificação.

Às educadoras do Centro de Línguas da FFLCH/USP, Betty Salum e Paola Mandalá pelo aprendizado sobre língua portuguesa e suas múltiplas formas de ensino.

À Audrey Conjat e Alessandro Orefice do *Instituto Aprenda*² e Airamaia Chapinha, da *Schola*, pela colaboração para aquisição do *corpus*. Agradeço também aos estudantes de língua portuguesa e amigos que aceitaram realizar as tarefas que compuseram o *corpus* e a todos os meus alunos.

Agradeço aos meus amigos e pessoas especiais que me apoiaram ao longo desse caminho, Veridiana K. Nicolini, Tia Vera K. Nicolini, Paola Giraldo Herrera, André Oda e Khalid Tailche.

A todas as pessoas que eu amo. Especialmente, a que me incentivou desde o começo a entrar neste caminho de descobertas, Maged El Gebaly. Obrigada por sempre tentar despertar a pessoa mais forte que há em mim.

A CAPES, pela bolsa concedida.

Ao Programa de mestrado em Filologia e Língua portuguesa da FFLCH da USP.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo verificar os usos dos verbos no gênero textual carta do leitor através da análise das produções textuais de estrangeiros no Exame do Celpe-Bras. Nosso *corpus* é composto por redações de estudantes de língua portuguesa, realizadas a partir de duas tarefas do Celpe-Bras que exigiam a redação de uma carta do leitor. As tarefas foram aplicadas a alunos de língua portuguesa para estrangeiros em São Paulo. Partimos, para a análise, do pressuposto de que o verbo desempenha um papel fundamental na construção discursiva do texto (Travaglia, 1991 e Castilho, 2012) e recorremos a metodologia de Vargas (2011) que demonstra por meio da análise textual como o uso do verbo participa da produção do sentido. Também desenvolvemos reflexões sobre a relação entre argumentação e modo (indicativo ou subjuntivo), tempo (pretérito, presente e futuro) e aspecto (perfectivo ou imperfectivo) do verbo.

Palavras chaves: Verbo - Gênero textual - Carta do leitor - CELPE-Bras

ABSTRACT

This thesis aims to determine the uses of verbs in the genre Reader's letter through the analysis of textual productions of foreigners in the Brazilian Official Examination of the Proficiency of Portuguese Language for foreigners (CELPE-Bras). Our corpus consists of the redactions of the students of Portuguese Language, made from two tasks of CELPE- Celpe that required the writing of a reader's letter. The tasks were applied to students of Portuguese as a Foreign Language in São Paulo. We go to the analysis with the hypothesis that the verb plays a key role in the discursive construction of the text (Travaglia, 1991 and Castilho, 2012), and we used the methodology of Vargas (2011) that demonstrates that by textual analysis how the use of verb participates in the production of the sense. We also developed reflections on the relationship between argumentation and the verbal categories like mode (indicative or subjunctive), time (past, present or future), and aspect (perfective vs. imperfective).

Keywords: Verb – Text genre – Reader's letter - CELPE-Bras.

INTRODUÇÃO

O interesse crescente pelo Brasil e pela língua portuguesa, bem como o aumento do fluxo de pessoas imigrando para esse país por estudo ou por trabalho, são consequências do processo de globalização, no qual os Estados têm se reorganizado em grupos e em blocos econômicos. Por conta disso, a língua passou a ter um valor econômico na medida em que se tornou comercializável por meio dos cursos de idiomas, na medida em que estabelece relações culturais e acadêmicas, e na medida em que é o meio pelo qual se dão as trocas tecnológicas com países do mundo todo. De acordo com Machado (2010, p.65), “a globalização tende a centralizar os elementos envolvidos na formação de um mercado mundial único, como a língua e a moeda”, cujo exemplo é a língua inglesa, que se tornou uma língua da “comunicação global” e a criação do esperanto como uma língua universal. Em resposta à globalização, há o desenvolvimento, por parte de países como Portugal, Espanha, entre outros, de valorização de suas línguas para sustentar seu espaço no mercado econômico. Para isso, Institutos como o Camões de Portugal e o Cervantes da Espanha promovem internacionalmente o ensino da cultura e da língua portuguesa e espanhola respectivamente.

Nesse cenário, o Brasil se une ao movimento lusófono, na tentativa de aumentar o número de falantes de língua portuguesa. Programas como o de leitorado para o ensino de língua portuguesa e de cultura brasileira fora do Brasil e dos Centros Culturais Brasileiros são mostras de iniciativas com o fim de difusão da língua portuguesa e da cultura brasileira internacionalmente. De acordo com o site do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, o Programa de Leitorados consiste no:

envio de professores academicamente capacitados a outros países para ensinarem a variedade brasileira da Língua Portuguesa, além da literatura e demais manifestações artísticas nacionais. Atualmente, existem 59 leitorados brasileiros, com mais de 6 mil alunos em universidades locais, sendo a Europa, a América do Sul e a África, respectivamente, os maiores receptores de Leitores.

Com o crescimento econômico do Brasil nos últimos anos, tem crescido também o número de estrangeiros que procuram o país como um lugar para trabalhar ou estudar, conforme dados do site do Governo Federal. De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego

(30/06/2012), o número de autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros no Brasil quase duplicou de 2009 a 2011. Além dos estrangeiros que vêm trabalhar no Brasil, há aqueles que procuram as escolas e universidades brasileiras para fazer intercâmbio, graduação ou pós-graduação, por meio de programas de convênios ou intercâmbios de instituições de ensino.

Alguns exemplos desses convênios são o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e o Programa de Estudante-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), desenvolvidos pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil (MRE) em 1965; o PEC-G, cuja primeira edição foi em 1967, mantém convênio com universidades e instituições de ensino federais, estaduais e com instituições particulares de países em desenvolvimento. De acordo com o *site* do Ministério da Educação “são selecionadas preferencialmente pessoas inseridas em programas de desenvolvimento socioeconômico, acordados entre o Brasil e seus países de origem”. Os países mais contemplados no programa PEC-PG são os africanos, mas também há alunos de países latino-americanos e asiáticos. De acordo com o site do MRE, “atualmente, são 45 os países participantes (32 efetivos) no PEC-G, sendo vinte da África, quatorze da América Central e o Timor Leste, além dos onze vizinhos sul-americanos”.

Em relação à imigração, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que, de acordo com o Censo 2010, houve um aumento do número de imigrantes em 86,7% na última década: de 143,6 mil em 2000 para 268,5 mil em 2010. No entanto, para que possam trabalhar ou estudar no Brasil, muitos estrangeiros precisam do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras).

O Celpe-Bras é o primeiro exame oficial de língua portuguesa reconhecido pelo Brasil. Seu certificado é exigido para que estrangeiros possam exercer certas atividades, como profissionais e de estudo, no Brasil. A prova avalia as habilidades comunicativas necessárias na comunicação, tais como leitura, compreensão oral, produção oral e escrita. Seu objetivo é avaliar a capacidade comunicativa do candidato.

A aplicação do Celpe-Bras ocorre dentro e fora do Brasil. O crescente número de inscrições e a abertura de novos postos aplicadores apontam para um aumento na procura pelo certificado de língua portuguesa do Brasil.

Segundo Scaramucci (1999), as principais características do Celpe-Bras são a ênfase na comunicação/interação e a utilização de conteúdos autênticos ou contextualizados. De acordo

com a autora, o Celpe-Bras foi criado por duas razões: a primeira era a necessidade de um exame de proficiência que pudesse certificar a proficiência de estrangeiros que tivessem a necessidade de usar o português do Brasil, e a segunda era impulsionar o uso de novos métodos baseados em pressupostos atuais no ensino de línguas.

De acordo com Schlatter, Garcez e Scaramucci (2004, p. 356)

Com base no conceito de ‘uso da linguagem’ como uma ação conjunta dos participantes com um propósito social, o conceito de proficiência linguística/sucesso muda de conhecimento metalinguístico e domínio do sistema para uso adequado da língua para desempenhar ações no mundo.

De acordo com o Manual do Examinando (BRASIL, 2012, p. 4), o Celpe-Bras é

o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação (MEC) do Brasil, aplicado no Brasil e em outros países pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (MRE).

Ainda conforme o Manual do Examinando, o objetivo de um exame de proficiência é avaliar o conteúdo com base nas necessidades da língua-alvo. Tais necessidades, no caso do Celpe-Bras, estão relacionadas à necessidade de comunicação em situações cotidianas, uma vez que o examinando, para trabalhar ou estudar em um país de língua diferente da sua, precisará ler, escrever textos, interagir oralmente ou por escrito. O objetivo da prova é avaliar o que o examinando consegue fazer na língua-alvo (BRASIL, 2012). O exame é composto por tarefas que se assemelham a situações da vida real, uma vez que o exame é de natureza comunicativa.

Com o crescimento da procura de estrangeiros pelo Brasil, a língua portuguesa tornou-se mais visível no que diz respeito ao seu ensino como segunda língua. Como a busca pelo ensino formal de língua portuguesa é recente, o número de materiais didáticos de português para estrangeiros ainda é pequeno, comparado a outras línguas, como inglês e espanhol.

A necessidade de desenvolvimento de materiais e cursos específicos para o Celpe-Bras foi o que motivou a escolha do tema desta pesquisa. Também levamos em conta o crescimento gradual do número de candidatos inscritos no exame e seus possíveis problemas durante os processos comunicativos orais ou escritos. Uma vez que as tarefas do exame exigem que o candidato produza textos a partir de situações comunicativas com o papel a ser

desempenhado, o interlocutor e a mensagem determinados, estabelecemos conexões entre gêneros textuais e os modos e tempos verbais com o foco no ensino do português para falantes de outras línguas que precisarão enfrentar tais situações comunicativas, seja na realização da prova ou no seu cotidiano.

Ainda de acordo com o Manual do Examinando do Celpe-Bras (BRASIL, 2012, p.11), faz parte das especificidades do exame “reconhecer marcas linguísticas características de diferentes gêneros do discurso”. A avaliação do Celpe-Bras vai além da correção gramatical em termos de “correto” e “errado”, ela procura abordar critérios comunicativos como a adequação ou a inadequação à situação sociolinguística e se a linguagem é natural ou estranha ao seu domínio discursivo. Constitui, assim, parte dessas “marcas linguísticas” a escolha adequada do uso dos verbos de acordo com cada gênero.

O uso do verbo de acordo com o que a norma padrão preconiza representa um desafio para o estrangeiro, especialmente pelas amplas especificações que caracterizam o processo de construção dos textos. Esse problema pode ser superado com a prática por meio dos processos de leitura e escrita de textos.

Em sua tese sobre a análise morfológica do verbo em língua portuguesa, Salum (2007) indicou a relevância do estudo dos verbos para o ensino da escrita em língua portuguesa:

Este estudo nasceu de uma preocupação didática: a de tornar mais compreensível a morfologia do verbo em português para falantes de língua estrangeira – para quem a memorização das formas verbais é a porta de entrada para a nova língua que precisam ou devem usar. Entende-se a importância que os estrangeiros atribuem ao domínio do sistema verbal- aí incluído o não menos relevante domínio do uso dessas formas [...] (SALUM, 2007, p.5).

Todos esses fatores motivaram nosso interesse em desenvolver esta pesquisa, pensando no processo de aprendizado de língua portuguesa por estrangeiros e na preparação de candidatos para o Celpe-Bras. Pensando nesses aprendizes, solicitamos que estudantes estrangeiros de língua portuguesa realizassem uma das duas tarefas selecionadas do Celpe-Bras nas quais era exigida do aluno a produção de uma carta do leitor a ser publicada em uma revista. Delimitamos nosso objeto de estudo, as categorias verbais de tempo, modo e aspecto e sua relação com o gênero textual *carta do leitor*. A escolha desse gênero se deu por ter incidido

no exame duas vezes no mesmo ano (2008). É importante destacar que os meios eletrônicos de informação, tais como jornais e revistas virtuais e *blogs*, facilitam ao leitor a exposição de sua opinião diante de um texto lido. O gênero *carta do leitor*, portanto, tem se popularizado e se modificado nos novos meios de comunicação e vem se tornando uma importante forma de expressão nas redes sociais, por meio do qual ocorrem debates e é possível complementar com novas informações um texto publicado. A opinião do leitor é importante para que os veículos de informação possam avaliar a receptividade de suas publicações. Para o leitor, é uma forma de manifestar-se favorável ou contrariamente ao que foi publicado e, nos meios eletrônicos, dialogar com outros leitores ou mesmo com o próprio autor da matéria ou notícia.

Além de ser relevante para expor sua opinião, o gênero *carta do leitor* e o gênero *artigo de opinião* (como uma resposta a um texto ser publicada em um veículo de informação) incidiram repetidas vezes nas tarefas do Celpe-Bras: na prova segundo semestre de 2007 foi exigido do candidato escrever um artigo de opinião para ser publicado em uma revista; na prova do primeiro semestre do mesmo ano, solicitava-se ao candidato a escrita de uma carta em resposta a um escritor que publicou uma crônica em um jornal e na mesma prova, uma tarefa pedia a redação de um artigo de opinião em resposta a uma entrevista; no ano de 2008, no primeiro semestre, a tarefa exigia a escrita de uma carta aos leitores de uma revista e em outra tarefa da mesma prova, um texto para o editorial de um jornal e na prova do primeiro semestre de 2010 a tarefa solicitava que o candidato escrevesse uma carta para um jornal *online*.

Os objetivos deste trabalho são, portanto:

1. Analisar o uso das categorias verbais de tempo, modo e aspecto nas produções textuais do gênero *carta do leitor* e sua relação com a construção da argumentação.
2. Verificar se uma maior variedade no uso dos verbos favorece a realização das tarefas solicitadas, levando em conta a capacidade argumentativa expressa pelos estudantes de língua portuguesa.

Procuramos analisar o verbo de acordo com a perspectiva textual-discursiva, uma vez que trabalhamos com a análise verbal do tempo, do modo e do aspecto na produção de um gênero textual específico produzido por falantes nativos de outras línguas, a *carta do leitor*, num contexto de produção também específico, a partir de tarefas do Celpe-Bras. As tarefas das quais foram redigidos os textos que compõem o *corpus* exigem que os estudantes de língua

portuguesa redijam uma *carta do leitor*, expondo sua opinião. A primeira tarefa, “Telefone Celular”, pede um posicionamento favorável em relação ao uso do aparelho. A segunda, “Transgênicos”, deixa o candidato livre para se posicionar a favor ou contra os alimentos geneticamente modificados, mas também exige um posicionamento e que o estudante saiba argumentar em defesa de seu ponto de vista. Analisamos 10 textos, redigidos por alunos estrangeiros de língua portuguesa, produzidos a partir das duas tarefas citadas.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos: no primeiro capítulo apresentamos a fundamentação teórica que embasará nossa pesquisa. Ele está dividido em duas partes: a primeira sobre o texto, em que definimos noções como gênero, tipo e texto e apresentamos as características da *carta do leitor* e da argumentação. A segunda parte do primeiro capítulo é sobre o verbo e nela definimos as noções de tempo, modo e aspecto e apresentamos as categorias verbais e as classificações que usaremos na análise. No segundo capítulo falamos sobre a metodologia, as características gerais do Celpe-Bras, o *corpus*, os colaboradores e o método da análise, baseada em Vargas (2011). No terceiro capítulo analisamos os usos verbais nas cartas do leitor produzidas por candidatos ao Celpe-Bras e fazemos a discussão dos dados. E, finalmente, na conclusão, expomos os principais resultados da análise.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo procuramos definir os conceitos que norteiam a pesquisa, relacionados ao verbo e à linguística textual. A importância de se estudarem os aspectos semânticos e textuais dos verbos é ressaltada por Castilho (2012), que diz que “além de construir a sentença e organizar seus sentidos, o verbo tem um importante papel na construção do texto”. O verbo é uma das classes gramaticais importantes na construção do sentido nos textos, conforme afirma Vargas (2011), segundo a qual as formas verbais não podem ser analisadas meramente em sua constituição morfológica ou pela sua função sintática, mas

importa verificar em que medida contribuem para essa construção do sentido dos textos e o quanto refletem a intenção do sujeito que as seleciona para comunicar-se, oralmente ou por escrito. (VARGAS, 2011, p. 18)

Por isso, Travaglia (1991) aponta para o estudo textual e discursivo do verbo. O autor defende que “a ordenação temporal, o sequenciamento das situações textuais e a continuidade da macroestrutura estão estabelecidos pelo funcionamento discursivo dos diferentes usos dos verbos em diferentes tipos de textos”.

De acordo com Vargas (2011, p.11) “as formas verbais são elementos fundamentais na formação do sentido dos enunciados e devem ser analisadas de acordo com a função que desempenham na constituição do discurso”. Procuramos analisar em que medida os verbos contribuíram para a formação dos sentidos, pensando na construção da argumentação dos estrangeiros de acordo com o posicionamento exigido em cada tarefa e se a capacidade de variar o uso dos tempos, modos e aspectos favorece a argumentação.

Em seu livro, Vargas levanta uma reflexão relevante para pesquisas com foco no ensino de português como língua materna, que podemos aplicar ao ensino de português como língua estrangeira:

De que maneira podemos utilizar, nas atividades de leitura e de produção textual, os mais variados gêneros textuais e levar o aluno a reconhecer as categorias de tempo e de aspecto como fenômenos semânticos, ou seja, como fatores essenciais na construção de sentido dos textos? (VARGAS, 2011, p. 86)

Podemos reformular a pergunta da seguinte maneira: Como os alunos estrangeiros de língua portuguesa utilizaram recursos linguísticos, como as categorias de tempo, aspecto e modo do verbo, para a construção de sentidos nos textos do gênero *carta do leitor* realizados a partir das tarefas do Celpe-Bras? Vamos tentar responder a essa questão partindo das produções textuais dos alunos. Antes de responder a essa pergunta, pretendemos identificar a relação entre as escolhas verbais dos estudantes e a construção da argumentação exigida no gênero *carta do leitor*. A seguir, vamos apresentar noções teóricas sobre o texto relevantes para nossa pesquisa.

1.1 GÊNERO, TIPO E TEXTO

Partimos da definição desenvolvida por Bakhtin (1997) para os gêneros discursivos. O autor se preocupa com o processo de produção do gênero e não com seu produto final, isto é, com o vínculo entre as atividades humanas e a utilização da linguagem no processo de interação. A interação humana muda de acordo com as esferas em que ocorre, o que implica a utilização da linguagem por meio de enunciados, que são produzidos sempre em condições e finalidades específicas, ocasionando “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 268), ou seja, os gêneros:

todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados⁹ (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus

tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominados *gêneros do discurso*. (1997, p.261)

Os gêneros, portanto, são construídos por conteúdo temático, estilo e organização, conforme a especificidade de uma esfera qualquer de ação. O que quer dizer que os gêneros sofrem constates mudanças, uma vez que as esferas de atividade vão também sofrendo alterações, tais como o surgimento de novos meios de comunicação que ampliam e transformam as possibilidades de comunicação, como o e-mail, o telefone, as redes sociais etc.. As formas do gênero se adaptam enquanto algumas propriedades comuns se preservam.

Os gêneros seriam “meios de apreender a realidade” (FIORIN, 2006). Bakhtin os divide em primários, relativos ao cotidiano, majoritariamente orais e os secundários, oriundos da comunicação científica, cultural, tais como a literatura e são em sua grande parte, escritos. Esses dois gêneros, primário e secundário, se cruzam. De acordo com o autor:

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios - por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. (BAKHTIN, 1997, p. 281)

Os gêneros discursivos, de acordo com Marcuschi (2008), estão mais relacionados a uma esfera da atividade humana do que com um meio de classificação textual. Os gêneros discursivos constituem práticas segundo as quais é possível identificar um grupo de gêneros

textuais. De acordo com o autor (idem, p. 154) toda manifestação verbal ocorre por meio de textos, que, por sua vez, são realizados em algum gênero, que são meios pelos quais nos comunicamos verbalmente. Marcuschi assinala que o gênero textual organiza seu discurso (sentido) por meio de estruturas tipológicas dos atos de enunciação do texto (descritiva, expositiva, narrativa, argumentativa, injuntiva, etc.). Os gêneros textuais são a materialização dos textos em situações recorrentes de comunicação. Estão presentes no cotidiano e apresentam “padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Também é importante esclarecer o conceito de texto adotado aqui. De acordo com Marcuschi (2012) há algumas possibilidades de definir o texto: a primeira é a partir dos critérios internos ao texto e a segunda é a partir dos critérios temáticos ou que transcendem ao sistema. No entanto, o autor sugere um terceiro caminho para a compreensão do conceito de texto, por meio do qual é visto como processo do mapeamento cognitivo. O texto é “resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico, numa ocorrência comunicativa”. (MARCUSCHI, 2012, p. 29) O texto está condicionado a controles e estabilizadores tanto internos quanto externos e cria uma rede multidimensional, ocorrendo como um processo complexo de mapeamento cognitivo de elementos que devem ser levados em conta na sua recepção e na produção.

Marcuschi (2008, p. 77) adota a definição de Beaugrande (1997), em que considera o texto “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. Nessa definição, o texto é considerado uma *unidade comunicativa* (um evento) e uma *unidade de sentido* realizada tanto no nível do uso como no nível do sistema. Para Marcuschi, “o texto acha-se construído na perspectiva da enunciação” (2008, p. 77), que envolve produtores e receptores e, por isso, a produção textual pode ser considerada uma “atividade sociointerativa”.

A definição proposta por Marcuschi é pertinente ao nosso trabalho, uma vez que considera o texto *um processo de mapeamento cognitivo* e um *evento comunicativo que envolve ações linguísticas e sociais* o que vai de encontro a nossa proposta de análise de textos desenvolvidos por falantes de outras línguas durante o processo de aprendizado de português. Também podemos analisar em que medida isso pode ser observado nas tarefas propostas pela

avaliação do Celpe-Bras, que mede a capacidade do candidato de produção de textos em diversas situações comunicativas.

Por fim, é importante diferenciarmos os gêneros textuais dos tipos textuais. Os tipos textuais se relacionam com a estrutura gramatical de um texto e são em número reduzido. Assim, narração, descrição, argumentação, injunção e exposição são exemplos de tipos textuais. Os gêneros podem ter vários tipos textuais, por exemplo, um e-mail pode conter um trecho que tenha uma narração ou uma descrição. Para Travaglia, o tipo pode ser “identificado e caracterizado por instaurar um modo de (inter)ação, uma maneira de interlocução” (TRAVAGLIA, 1991, p. 42).

Dos gêneros textuais avaliados no Celpe-Bras, decidimos trabalhar com *carta do leitor*, pois consideramos este um gênero recorrente tanto no exame quando nos meios de informação como cartas, revistas, *blogs*. Consideramos que, por tratar de um gênero de opinião, argumentativo, aprender a produzir uma *carta do leitor* pode ser relevante para que um aprendiz de uma segunda língua possa expressar seu ponto de vista em relação a um assunto. Apresentaremos adiante algumas das características desse gênero.

1.1.1 CARTA DO LEITOR

Bezerra (2010) destaca que as *cartas do leitor* têm uma função social, e circulam no contexto jornalístico com vários propósitos comunicativos, tais como opinar, agradecer, solicitar, criticar etc. De acordo com Bezerra (2002, pg. 209), “os gêneros textuais são textos empiricamente realizados, encontrados na sociedade de forma materializada, situados no tempo e no espaço”. Quanto ao espaço em que circula, Melo (1985, p. 1) afirma que a *carta do leitor* é:

um texto que circula no contexto jornalístico, em seção fixa de revistas e jornais, denominada comumente de cartas, cartas à redação, carta do leitor, painel do leitor, reservada à correspondência dos leitores.

A *carta do leitor* pode sofrer edição por parte do veículo de comunicação e vir a ser publicada. Também constitui um gênero em que há “ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem” de acordo com Melo (1985, p. 1).

Quanto à estrutura, o gênero *carta do leitor* seria um subgênero do gênero *carta*, pois possui algumas características comuns, bem como a “seção de contato, o núcleo da carta e a seção de despedida” (SILVA, 1997 apud BEZERRA, 2002). A carta do leitor aparece no meio jornalístico, seja em jornais ou revistas, é um texto de domínio público, aberto, que será veiculado no meio de comunicação para o qual o leitor escreveu. Medeiros salienta que esse gênero textual pode apresentar

uma forma prototípica, estrutura semelhante à carta pessoal: local, data, vocativo, corpo do texto (assunto), expressão cordial de despedida e assinatura, ela não é da mesma natureza desta, nem de nenhum outro “modelo” de carta (carta ao leitor, carta circular, carta-pedido, entre outras), pois cada modelo circula em campos de atividades diversos, com funções comunicativas variadas. (2009, p.60)

Na carta-opinião, de acordo com Medeiros:

os leitores se dirigem de forma clara e direta à revista ou ao jornal e devem fazer uma breve contextualização ao longo da argumentação como referência ao texto (autor e título) ou matéria referida, assim, a reação do leitor seja de aprovação ou desaprovação é propositalmente explícita. (2009, p. 62)

Medeiros deixa claro que, apesar da semelhança entre a carta do leitor e o artigo de opinião, visto que, em ambos, o autor tem como objetivo expressar um ponto de vista, há uma diferença importante que os distingue: a carta é uma resposta a outro texto, é calcada na contextualização, um texto ‘dependente’ (MEDEIROS, 2009). Nesse sentido, o suporte também é um fator determinante do gênero *carta do leitor*, pois muitas vezes ele não apresenta os aspectos formais de carta, mas é perceptível no meio em que se veicula.

Esse subgênero é importante especialmente para os jornais e revistas, pois é um “termômetro” para esses meios de comunicação sobre suas publicações. É através da *carta do leitor* que os editores podem saber como têm sido recebidas suas publicações por parte dos leitores.

É importante destacar que as *cartas do leitor* podem ser textos que expressam diferentes objetivos do seu locutor, seja crítica, elogio, queixa, denúncia, um posicionamento a favor ou contra o autor, etc, mas nas tarefas selecionadas para a composição do *corpus* da pesquisa, os enunciados exigem que o candidato defenda um ponto de vista. Por isso, na nossa análise, a construção da argumentação nas cartas redigidas pelos candidatos se torna importante, pois é

parte do cumprimento da tarefa de acordo com o que o enunciado exige que o candidato realize.

Gritti (2010, p. 14), afirma que a *carta do leitor* é um “*bom exemplo de relação dialógica*”, uma vez que o autor da carta se reporta ao “*já-dito*”. Gritti considera isso “*uma estratégia discursivo-argumentativa para envolver o leitor*” e despertar nele o interesse em edições anteriores da publicação ao qual escreve, mantendo assim, uma intertextualidade.

1.1.2 VERBOS NA PRÁTICA ARGUMENTATIVA

Para nossa pesquisa sobre o uso de verbos numa perspectiva textual-discursiva, nos apoiamos num estudo de Vargas (2011) feito sobre a análise do verbo e das práticas discursivas. A autora apresenta em seu livro uma discussão sobre a relação entre as categorias de tempo e aspecto e o contexto de produção de enunciados. Ela considera as formas verbais elementos necessários para a formação de sentido dos enunciados e que tais formas devem ser analisadas conforme sua função na constituição do discurso. Também revela que um de seus objetivos é o de destacar o papel argumentativo que desempenham algumas formas de expressão, especialmente as que envolvem as noções de tempo e de aspecto na construção de sentido dos enunciados.

Para Vargas (2011), as intenções de agir sobre nossos interlocutores, seja para persuadir, modificar a realidade, emitir certezas ou suscitar dúvidas são reveladas pela maneira como expressamos nosso pensamento. Fazemos isso por meio das formas verbais que selecionamos quando nos expressamos, e essas formas contribuem para que essas modalidades de significação se tornem concretas.

De acordo com Vargas (2011, p. 35),

o ato de argumentar relaciona-se diretamente com o sujeito do discurso (a **subjetividade**), com a noção de tempo (**temporalidade**) e com a noção de aspecto (**aspectualidade**) que devem ser analisadas necessariamente como processos de formação de sentido. (grifos da autora)

A autora, ao falar de argumentação, recorre ao trabalho de Koch (2002), para quem os verbos, constituem “*marcas linguísticas da argumentação*”. A argumentação é uma “*atividade estruturante de todo e qualquer discurso*” (KOCH, 2002, p.21), uma vez que a progressão do

discurso ocorre por meio das articulações argumentativas. A argumentatividade, segundo Koch, é característica da interação social por intermédio da língua, uma vez que a ação verbal por meio do discurso, que é dotada de intencionalidade, procura influir sobre o outro, seja em seu comportamento ou apenas no compartilhamento de algumas opiniões. Para a autora “todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia” (KOCH, 2002, p.17).

Travaglia (1991, p 92) define argumentação como uma “intencionalidade em um sentido amplo”, o que quer dizer que ela dá conta de todas as maneiras que os textos e seus elementos podem ser usados por seus produtores para alcançar suas intenções e objetivos na construção de textos que vão de acordo com os efeitos desejados, utilizando para isso “marcas ou pistas que orientam os enunciados no sentido de determinadas conclusões”.

O autor considera que a tipologia do argumentativo é instituída por meio dos modos de enunciação que variam de acordo com as perspectivas do locutor/enunciador em termos de concordância ou adesão, discordância ou não adesão do locutor ao seu discurso. O argumentativo se opõe aos demais tipos que o enunciador/locutor se coloca em termos de tempo e espaço e do fazer em relação ao objeto de dizer. De acordo com o autor, o texto argumentativo é “mais frequentemente uma dissertação em que podem figurar descrições, narrações e injunções como argumentos” (TRAVAGLIA, 1991, p.59).

Para Travaglia (1991), nesse sentido, a descrição e a narração, quando usadas como argumentos, geralmente explicitam aspectos, no caso da descrição, ou servem como exemplos ou fatos, no caso da narração. São meios pelos quais o locutor faz com que o alocutário, ou interlocutor, aceite acreditar ou fazer o que ele pretende que ele faça ou acredite.

Vargas e Koch, em seus estudos, utilizam um modelo desenvolvido por Weinrich (1974) para compor suas análises sobre a relação entre o verbo e o discurso. De acordo com Weinrich (1974), há dois grupos ou sistemas temporais que costumam se combinar no mesmo período, com distintos empregos. As situações comunicativas se dividem em mundo comentado e mundo narrado. Em cada um deles predomina um dos grupos temporais. Na tabela a seguir estão os grupos e os verbos que pertencem a cada um deles.

TABELA 1: MUNDO COMENTADO E MUNDO NARRADO (WEINRICH, 1974)

Mundo Comentado	Mundo Narrado
Presente do Indicativo <i>Falo</i>	Pretérito perfeito simples <i>Falei</i>
Pretérito perfeito composto <i>Tenho falado</i>	Pretérito imperfeito <i>Falava</i>
Futuro do presente <i>Falarei</i>	Pretérito mais que perfeito <i>Falara</i>
Futuro do presente composto <i>Terei Falado</i>	Futuro do pretérito <i>Falaria</i>
Locuções verbais formadas com esses tempos <i>Estou falando, vou falar, etc</i>	Locuções verbais formadas com esses tempos <i>Estava falando, ia falar, etc.</i>

Koch (2011, p.35) destaca que “ao mundo narrado pertencem todos os tipos de relato, literários ou não”. Do mundo comentado fazem parte a “lírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o comentário”, ou seja, o que “não constitui um relato” e predomina a atitude tensa do falante.

Para Weinrich (1974), o mundo comentado seria o mundo da situação, do presente, no qual o locutor estaria mais comprometido. No mundo narrado, por sua vez, há menos meios auxiliares extralinguísticos para determinar a situação, e por isso utilizamos um número maior de recursos linguísticos para que o discurso se torne fiel ao que queremos expressar.

1.2 NOÇÕES VERBAIS

O verbo, de acordo com Castilho (2012), pode ser definido por meio das perspectivas gramaticais, semânticas e discursivas. A definição gramatical do verbo procura analisá-lo, levando em conta sua morfologia (o verbo é identificado como uma classe que dispõe de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos) e sua sintaxe (que considera o verbo como a palavra que articula seus argumentos pelos princípios de projeção). Sob a perspectiva

semântica do verbo, essa classe expressa o estado de coisas (ações, estados, eventos expressos quando se fala ou se escreve) e do ponto de vista discursivo, o verbo é considerado a palavra que introduz participantes no texto, qualifica esses participantes e concorre para a formação dos gêneros discursivos, por meio da alternância de tempos e modos.

Travaglia (1991) propõe as seguintes classificações para os verbos: 1) os verbos lexicais, que expressam situações, funcionando como lexemas; 2) os verbos gramaticais, que tem como função primeira carregar categorias verbais e/ou exercer funções ou papéis textuais determinados e não exprimir uma situação. Esses últimos se dividem em subtipos: os marcadores de relevância, os marcadores temporais, os ordenadores do texto, os marcadores conversacionais, as expressões e os carregadores ou suportes de categorias dos verbos (verbos de ligação, em que a situação se expressa por um nome e os auxiliares).

1.2.1 TEMPO VERBAL

Comrie (1985) utiliza a palavra *situação* para fazer referência a processos, eventos e estados relacionados ao tempo. Uma situação pode estar relacionada à linha do tempo de duas formas, de acordo com o autor. Na primeira delas é preciso localizar a situação em algum ponto de uma linha do tempo (geralmente o ponto de referência diz respeito ao presente) em relação a outro ponto específico da linha (levando em conta que toda localização de tempo é relativa, pois não há pontos absolutamente específicos). Essa noção de localização do tempo é essencial para a categoria linguística de tempo, pois o tempo, para Comrie é “uma expressão gramaticalizada de localização no tempo” (1985, p. 9).

A segunda forma está ligada à categoria gramatical de aspecto. Nela, você localiza a situação na linha do tempo a partir do contorno interno do tempo de uma situação. Por isso, o tempo é considerado um sistema dêitico, pois relaciona entidades em um ponto de referência, enquanto o aspecto expressa fases da situação sem relacioná-las a um ponto da linha do tempo. A situação de fala seria o ponto de referência para o tempo, que geralmente marca o presente. Os tempos, para Comrie, mais comuns nas línguas seriam o presente, o passado e o futuro. O presente descreve situações que se localizam no tempo simultaneamente ao momento da fala (embora o autor afirme que seja raro que o presente coincida com o

momento da fala)¹, o passado, anterior ao momento de fala e o futuro, posterior ao momento de fala.

O autor fala de dois tipos de situação, uma dinâmica, quando se refere a um processo progressivo e uma situação estática, na qual se usam os verbos de estado para referir a eventos.

Travaglia (1991, p. 64) define tempo como a “apresentação da situação como tendo realização anterior (passada), simultânea (presente) ou posterior (futura) ao momento da produção do texto, ou seja, ao momento do ato de dizer”. O tempo do verbo está relacionado ao momento da ocorrência do fenômeno expresso pelo verbo (ação, estado, processo, etc.), e tem como ponto de referência o momento da enunciação.

Do ponto de vista da gramática normativa, o tempo é “a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo” e os modos “são as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia”. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 395), O tempo se divide em presente, pretérito e futuro e o modo em indicativo, subjuntivo e imperativo.

Para Castilho, tempo é uma “propriedade semântica do verbo, cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala” e pode ser representado como “**passado** (anterioridade à situação de fala); **presente** (simultaneidade à situação de fala); **futuro** (posterioridade à situação de fala) (CASTILHO, 2012, p. 163). O autor ainda explica a relação entre o tempo e o aspecto, afirmando que o tempo conta com uma representação morfológica, enquanto o aspecto se prende ao tempo. O modo, para Castilho (2012, p. 437), “expressa nossa avaliação sobre o que expressamos na coisa dita, considerando-a real, irreal, possível ou necessária”.

Em Castilho (2012), dentro da perspectiva semântica do estudo do verbo, as formas temporais não apenas fixam a cronologia dos estados de coisas dentro de um tempo real, como presente, passado e futuro, mas as utilizamos para nos deslocar, conforme nossa necessidade, pela linha do tempo, sendo em um tempo imaginário ou num domínio vago. Há, segundo Castilho (2012), ao menos três situações de uso: o do *tempo real*, quando o falante quer descrever um

¹ “However, it is relatively rare for a situation to coincide exactly with the present moment, i . e . to occupy, literally or in terms of our conception of the situation, a single point in time which is exactly commensurate with the present moment.” (COMRIE, 1985, p.37) Tradução nossa: "No entanto, é relativamente raro para uma situação coincidir exatamente com o momento presente, i. e. a ocupar, literalmente, ou em termos de nossa concepção da situação, um único ponto no tempo, que é exatamente proporcional ao momento presente. "

estado de coisas que coincide com o tempo cronológico; o *tempo fictício*, aquele no qual o falante se desloca, um espaço-tempo imaginário, não coincidente com o tempo real; e, por fim, o *uso atemporal* das formas verbais, que também não coincide com o tempo real. É aquele em que o falante se desloca para o campo do vago e do impreciso.

É a partir do *tempo real*, do *tempo fictício* e do *uso atemporal* que Castilho (2012) caracteriza os usos dos tempos verbais do indicativo e do subjuntivo no domínio da sentença. Resumimos os tempos do indicativo descritos por ele:

- presente (real, metafórico e atemporal)
- passado (pretérito perfeito simples real indicando anterioridade, pretérito perfeito metafórico e atemporal; pretérito imperfeito real indicando anterioridade não pontual, pretérito perfeito metafórico e atemporal; o pretérito mais-que-perfeito simples e composto real, indicando anterioridade remota em relação a outra ação anterior, pretérito mais-que-perfeito metafórico e, por fim, o pretérito perfeito composto real e metafórico)
- futuro (futuro do presente simples e composto – real, metafórico e atemporal), futuro do pretérito simples ou composto real e metafórico.

Em seguida, vêm os tempos verbais do subjuntivo:

- presente (que expressa simultaneidade problemática acrescido de certos valores modais e o presente do subjuntivo metafórico),
- passado (pretérito perfeito composto, que expressa anterioridade problemática de estado de coisas inteiramente concluído anteriormente e outro estado de coisas, e o pretérito perfeito composto metafórico; o pretérito imperfeito que expressa anterioridade problemática, nas mesmas circunstâncias modais do presente do subjuntivo e o imperfeito metafórico; e o pretérito mais-que-perfeito que expressa anterioridade remota, com os mesmo valores modais do presente do subjuntivo)
- futuro (simples e composto, que podem expressar posterioridade problemática, em sentenças subordinadas).

De acordo com Vargas (2011), o presente nem sempre designa ocorrências do aqui/agora, mas podem designar também ações passadas, futuras ou um hábito. Em consonância com Comrie (1985), a autora conclui que o presente, por sua flexibilidade de sentido, não se articula com o

TEMPO (cronológico), ele constitui o tempo principal do mundo comentado, uma vez que expressa uma atitude comunicativa de engajamento por parte do falante. Vargas (2011) conclui que os verbos possuem uma diversidade de dimensões e que o uso do verbo com funções diferentes da habitual mostram que nem sempre há correspondência entre as flexões e o sentido, e que o conteúdo dos enunciados não se dá somente pelas flexões verbais, mas com o auxílio do contexto e da situação. A autora fala que há um “princípio da semântica” (2011, p. 42), no qual “quanto menor a determinação da situação, tanto maior terá de ser a determinação do contexto e vice-versa”. (2011, p. 42).

1.2.2 MODO VERBAL

Se, para Comrie (1976), o tempo verbal está associado ao tempo do evento e o aspecto à natureza do evento em sua constituição temporal interna, a modalidade, segundo Palmer (1986, p.1), está ligada ao “estado da proposição que descreve o evento”. De acordo com este autor, a modalidade se diferencia do tempo, pois ela não se refere diretamente a alguma característica do evento, mas somente ao estado da proposição.

Palmer (1986, p. 9-10) diz que o modo “expressa certas atitudes da mente do falante concernente ao conteúdo da sentença”, no entanto, destaca que às vezes a escolha do modo se determina pelo “caráter em si da cláusula e de sua relação com o nexos principal do qual é dependente” e não somente pela atitude do falante real. Ademais, é relevante ressaltar que o ‘modo’ não se resume apenas à atitude mental, se mostra na forma do verbo, pois é uma categoria sintática, não uma categoria nocional.

Para Palmer (1986, 21) a diferença entre modo e modalidade se dá pela morfologia verbal. De acordo com o autor:

O termo modo é tradicionalmente restrito à categoria expressa pela morfologia verbal. Formalmente é uma categoria morfossintática do verbo como tempo e aspecto, até sua função semântica se relaciona aos conteúdos de toda a sentença. [...] A modalidade pode ser expressa por verbos modais (que estão, pelo menos, ainda dentro do elemento nominativo da sentença)

ou por partículas que podem muito bem ser bastante separado do verbo.²
(tradução nossa)

Para Palmer, há uma diferença entre modalidade epistêmica e modalidade deôntica. A modalidade epistêmica abarca o quanto o falante está comprometido com o que diz e está relacionada com as noções de possibilidade e necessidade. A segunda, por sua vez, diz respeito às modalidades como contendo um elemento de vontade (Palmer 1986:96).

O modo verbal, na perspectiva da gramática normativa, é considerado como “as diferentes formas que toma o verbo para indicar atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia”. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 394).

Vargas (2011) adota para modo verbal a definição de Cunha e Cintra acima. O modo, nessa perspectiva, está relacionado com a intencionalidade de expressão, atitude, do falante ou locutor, em relação ao que fala.

Castilho (2012, p. 437) define modo como “a avaliação que o falante faz sobre o *dictum*, considerando-o real, irreal, possível ou necessário”. Castilho leva em conta a relação levantada por Ilari e Basso (2008a apud CASTILHO, 2012) entre os modos e os atos de fala, que evidenciam que a escolha dos modos vai além da motivação sintática, mas está no interior da situação de enunciação. Segundo o autor, o *modus* indica sobre qual ato de fala é referido: o do indicativo seria o ato dos “conteúdos que se realizam no mundo”, o subjuntivo o ato das “situações imaginárias que não precisam corresponder ao que acontece no mundo” e o da “ordem”, o imperativo seria o ato da “asserção e da suposição”.

O modo, segundo Castilho (2012, p. 438), no português, está gramaticalizado por meio de:

- sufixos modo-temporais no caso de sintagma verbal simples;
- morfemas-vocábulos (verbos auxiliares, como poder, dever, querer etc.) nos sintagmas verbais compostos;

² Original: First, the term ‘mood’ is traditionally restricted to a category expressed in verbal morphology. It is formally a morphosyntactic category of the verb like tense and aspect, even though its semantic function relates to the contents of the whole sentence. It may be expressed by modal verbs (which are at least still within the verbal element of the sentence) or by particles which may well be quite separate from the verb.

- outros operadores de modalização (*não dá, tem que, com certeza* etc.) em expressões complexas.

A tabela II a seguir mostra como cada modo se caracteriza de acordo com sua representação morfológica, sintática e semanticamente.

TABELA 2: CARACTERÍSTICAS DOS MODOS VERBAIS DO PB SEGUNDO CASTILHO (2012, P. 440)

Modo	Representação morfológica	Sintaticamente	Semanticamente
Indicativo	Sufixos modo-temporais	Predomina em sentenças simples, asseverativas e interrogativas	Expressa uma avaliação do <i>dictum</i> como um estado de coisas real, verdadeiro
Subjuntivo	Sufixos modo-temporais	Predomina em orações subordinadas	Expressa um estado de coisas duvidoso
Imperativo	Dispões de morfemas próprios na forma afirmativa. Toma emprestado morfemas do subjuntivo na forma negativa.	Sentenças simples	Expressa ordem ou pedido

1.2.3 ASPECTO VERBAL

A definição dada por Castilho (1968, p. 14) sobre o aspecto considera a etimologia da palavra:

O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação

espacial do processo. Esta definição, baseada na observação dos fatos, atende à realidade etimológica da palavra "aspecto" (que encerra a raiz * *spek* = "ver") e insiste na objetividade característica da noção aspectual, a que contrapomos a subjetividade da noção temporal.

O aspecto é definido por Comrie (1976, p. 3) como “diferentes pontos de vista da constituição interna do tempo de uma situação”³. De acordo com o autor, a diferença entre aspecto e tempo consiste em que o primeiro representa a temporalidade interna da situação e o segundo expressa a temporalidade externa. O aspecto diferencia-se do tempo, pois embora ambos se relacionem com a temporalidade, as relações se diferem: o tempo é uma categoria dêitica, que localiza as situações temporais com referência ao momento presente, enquanto o aspecto se liga com a constituição interna da temporalidade e não com a relação entre o tempo da situação e outro ponto da linha do tempo.

Na sua gramática, por sua vez, Castilho (2012, p. 665), define aspecto verbal como o “ponto de vista sobre o desenvolvimento da ação verbal, que pode ser apresentada em (i) duração (aspecto imperfectivo), (ii) completamento (aspecto perfectivo) ou (iii) repetição (aspecto iterativo)”.

Castilho (2012, p. 418) comenta sobre as diferentes fases históricas da Aspectologia, que são: a fase léxico-semântica, que “atribui à semântica do radical do verbo as noções aspectuais apuradas”. Nesta perspectiva, o autor destaca, foram identificadas as classes acionais do verbo; a segunda fase é a semântico-sintática, na qual se incluem autores como o próprio Castilho (1968), Travaglia (1981), Comrie (1976) entre outros. Nesta fase, o aspecto é visto como uma propriedade da predicação e é examinado como resultado da combinação das classes acionais do verbo (com a flexão e os verbos auxiliares; com os argumentos e os adjuntos adverbiais). A terceira fase citada por Castilho é a discursiva, na qual se pesquisam “as condições discursivas que favorecem a emergência dos aspectos constituídos”. Ele mescla as três fases na descrição realizada em sua gramática, pois defende que elas ocorrem simultaneamente.

O aspecto verbal também é tratado como “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender” (CASTILHO, 2012, p. 417). Como foi dito acima, o aspecto

3. “Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.” (COMRIE, 1976, p. 3)

verbal se refere à perspectiva sobre o desenvolvimento da ação quanto à sua duração, seu início ou fim e repetição.

Para Travaglia (2006, p. 39) o aspecto indica o “espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração e, por isso, seria uma categoria ligada ao tempo”. Segundo o autor, “a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como **anterior** (passado), **simultâneo** (presente) ou **posterior** (futuro) a esse momento” (2006, p.39). Assim como Comrie, o tempo é considerado por Travaglia também uma categoria dêitica, pois “indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação” (p. 39).

1.2.3.1 NOÇÕES ASPECTUAIS

Castilho (2012, p. 419) adverte para o fato de que “cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma face” e por isso o quadro aspectual precisaria ser representado de forma pluridimensional, pois a predicação verbal reúne uma variedade dos estados de coisas. Levando isso em conta, ele apresenta o seguinte quadro da tipologia aspectual do verbo:

TABELA 3: TIPOLOGIA DO ASPECTO VERBAL - REPRODUÇÃO (CASTILHO, 2012, P. 420)

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
Imperfectivo	Perfectivo	Semelfectivo
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	Iterativo
Terminativo		Imperfectivo/perfectivo

Para Castilho (2012), o aspecto imperfectivo apresenta uma predicação dinâmica de sujeito que pode ter uma fase inicial (inceptivo), uma fase em pleno curso (cursivo) ou uma fase final do estado de coisas (terminativo):

- inicial (imperfectivo inceptivo): expressa uma duração de que se destacam os momentos iniciais e depende muito de construções perifrásticas de infinitivo e gerúndio. Os verbos auxiliares podem ser: *principiar (a)*, *começar (a)*, *pôr-se (a)*, *pegar (a)*. (CASTILHO, 2012, p. 421)

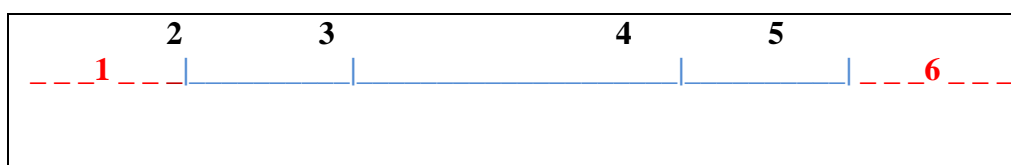
- retratada em pleno curso (imperfectivo cursivo): o estado de coisas é apresentado em seu pleno curso e não faz referências à fase inicial ou à final.

- final do estado de coisas (imperfectivo terminativo): aponta para os momentos finais de uma duração, por meio de perífrases de *acabar de/por*, *cessar de*, *deixar de*, *terminar de* + infinitivo. (2012, p. 423)

Segundo o autor, o imperfectivo é frequente em estruturas de fundo das narrativas, ou seja, as informações que emolduram um evento principal. O imperfectivo, para Travaglia (2006), se caracteriza por “apresentar a situação como **incompleta**” (grifo do autor). Não se tem, nesse aspecto, o todo da ação e, por isso ela se apresenta em uma fase de seu desenvolvimento, o que faz com que as noções do imperfectivo apareçam juntas com as noções que as fases de desenvolvimento da ação representam.

Travaglia (2006) explica as noções que envolvem o aspecto a partir de uma figura ilustrativa que representaremos a seguir a partir da nossa interpretação:

FIGURA 2: ASPECTO NUMA LINHA DO TEMPO (TRAVAGLIA, 2006)



A parte em tracejada representa o TEMPO (abstrato) externo à situação. Em 1, a situação ainda não começou e em 6 ela já está acabada. 2 e 5 representam, respectivamente, o início da situação e seu término. O trecho 2 - 5 se refere ao TEMPO de desenvolvimento da situação, sua duração, enquanto 2-3 e 4-5 representam os momentos iniciais e finais da ação, respectivamente.

Isso corresponde às fases inceptiva (2-3), cursiva (2-5) e terminativa (4-5) do imperfectivo, se olharmos de dentro. A partir da perspectiva externa, olharíamos para a linha 2-5 como um ponto, sem considerarmos as fases.

Quanto ao aspecto perfectivo, as propriedades, segundo Castilho (2012), são: a predicação em sua totalidade, sem referência a fases; a ocorrência em predicações dinâmicas e a ocorrência nos segmentos em que se narra o evento central. Travaglia (2006) esclarece que no perfectivo é como se víssemos a situação de fora, no seu todo, enquanto no imperfectivo, estaríamos olhando para a situação de dentro dela. Por isso, o perfectivo se caracteriza por apresentar a situação na sua totalidade, completa. Os subtipos do perfectivo são o pontual e o resultativo.

O perfectivo pontual é confirmado com verbos télicos flexionados no presente, no pretérito perfeito simples e no pretérito mais-que-perfeito do indicativo. O perfectivo resultativo apresenta as propriedades seguintes: 1 ocorrência nas predicações estático-dinâmicas, ao relacionar uma ação a um estado; 2 pressuposição da ação tomada no passado; 3 o estado presente ocorre dessa ação; 4 relações entre o resultativo e a voz passiva. Esse aspecto é marcado pelas formas simples e perifrásticas, tais como de particípio com os verbos *estar*, *ter*, *ficar*, *continuar* e *andar*.

Por fim, quanto à face quantitativa do aspecto, temos o semelfactivo, ligado a uma ação praticada uma única vez, uma ocorrência singular, tais como os verbos *espirrar*, *piscar* e *reconhecer* e o aspecto iterativo, de ocorrência múltipla, habitual ou reiterada.

O aspecto iterativo, de acordo com Castilho (2012), tem as propriedades de representar uma quantificação do perfectivo e do imperfectivo; tem um sujeito não específico e pluralizado e depende muito de fatores composicionais, pois seu componente léxico é irrelevante. Com relação às flexões de modo e tempo, o iterativo é expresso pelo presente, imperfeito, pelo pretérito perfeito composto, pela perífrase e até pela repetição do verbo. Há ainda a iteração gerada por argumentos verbais (tais como sujeito nulo, sujeito retido e sujeito e/ou complemento quantificados) e com advérbios quantificadores.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO CELPE-BRAS

Nosso *corpus* é composto por cartas do leitor redigidas por estrangeiros aprendizes de língua portuguesa. As cartas foram escritas com base em tarefas do exame de Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa, o Celpe-Bras. Por isso, apresentamos agora o exame, suas principais características e o que são as tarefas.

O Celpe-Bras têm duas partes, uma escrita e uma oral: a primeira tem duração de 3 horas, nas quais há duas tarefas que integram compreensão oral e escrita e duas tarefas que integram leitura e produção escrita. O examinando tem que redigir quatro textos com base em informações extraídas de um vídeo, um áudio e dois textos escritos. Avaliam-se, portanto, três habilidades linguísticas: leitura, compreensão oral e produção escrita. A segunda parte tem 20 minutos e consiste em uma entrevista em que o entrevistador conversa com o examinando sobre seus interesses, levantados a partir do questionário de inscrição, e assuntos de interesse geral, conforme os Elementos Provocadores apresentados ao candidato. Nesta parte, são avaliadas, portanto, duas habilidades linguísticas: a compreensão e a produção oral.

Tarefa, de acordo com o Manual de Candidato do Exame Celpe-Bras, seria “um convite para interagir no mundo usando a linguagem com propósito social. Uma tarefa envolve uma ação, com um propósito, direcionada a um ou mais interlocutores.” (BRASIL, 2006, p.4).

2.1.1 A CORREÇÃO

De acordo com o Manual:

A diferença entre os níveis espelha a qualidade do desempenho nas tarefas de compreensão e produção textual (oral e escrita) em três aspectos: *adequação ao contexto* (cumprimento do propósito de compreensão e de

produção, levando em conta o gênero discursivo e o interlocutor), *adequação discursiva* (coesão e coerência) e *adequação linguística* (uso adequado de vocabulário e de estruturas gramaticais).

As definições acerca de cada nível são estabelecidas considerando o domínio linguístico, seja no nível lexical, gramatical, seja nas interferências de outras línguas. De acordo com o Manual do Examinando (BRASIL, 2012, p.6) há quatro níveis que podem ser conferidos aos candidatos, o nível Intermediário, ao candidato que apresenta um “domínio operacional parcial da língua portuguesa”, o que significa que ele deve ser capaz de “compreender e produzir textos orais e escritos sobre assuntos limitados” com estruturas simples e vocabulário adequado a contextos conhecidos. Neste nível, o examinando pode apresentar inadequações e interferências da língua materna com maior frequência em situações desconhecidas. No nível Intermediário Superior, as características do examinando são as mesmas do examinando de nível Intermediário, porém com menor frequência nas inadequações e interferência da língua materna.

Avançado e Avançado Superior são conferidos ao examinando que “evidencia domínio operacional amplo da língua portuguesa”. O candidato é capaz de compreender e produzir textos orais e escritos fluentemente e sobre diversos assuntos em contextos conhecidos ou não. O examinando usa estrutura complexas e um vocabulário adequado e é capaz de interagir com desenvoltura em variadas situações que exigem domínio da língua portuguesa. A diferença entre o primeiro e o segundo nível é a frequência nas inadequações, que devem ser menores no Avançado do que no Avançado Superior.

Como se pode observar, tanto a adequação linguística (tais como gramática, interferência da L1 do candidato) quanto a adequação ao contexto são fatores relevantes na avaliação da prova. Para fechar a tríade, a adequação discursiva também é levada em conta. Consideramos esses fatores relevantes para tentar estabelecer as conexões entre esses elementos através do estudo do verbo e do gênero textual.

Segundo Schoffen (2006, p. 37), o exame objetiva testar a capacidade do candidato de “agir no mundo com a língua portuguesa” e não apenas ser capaz de decodificar informações. Os textos da Parte Coletiva (parte em que os examinandos produzem os textos escritos) são avaliados a partir de uma grade de avaliação proposta por uma Comissão Técnica para cada tarefa realizada na prova. Na grade, há os critérios de avaliação, tais como Adequação

Contextual que inclui: o propósito, o interlocutor, as informações necessárias para cumprir a tarefa e o formato adequado ao gênero solicitado; Adequação Discursiva, que inclui a coesão e a coerência e a Adequação Linguística, que abarca a adequação lexical e gramatical. Da grade de correção resulta uma nota holística, o que significa que a nota não se dá separadamente para cada competência, mas para o texto como um todo.

Isso significa que o que diferencia cada um dos níveis é o domínio das estruturas linguísticas, bem como a capacidade de produção de textos com maior complexidade. Lembremos que o exame consiste em duas partes: uma, em que o candidato deve produzir textos e outra oral, na qual o candidato é entrevistado.

2.2 *CORPUS*

Selecionamos como *corpus* da pesquisa produções escritas a partir de duas tarefas do Celpe-Bras feitas por alunos estrangeiros aprendizes de português. As tarefas selecionadas chamam-se “Transgênicos” e “Eles odeiam o celular”, das edições do exame realizadas em 2008. Tais tarefas foram selecionadas por exigirem que o candidato escrevesse um texto no gênero *carta do leitor*. Outro fator que determinou a seleção das tarefas foi os temas das reportagens (conferir anexos 2 e 3 ao fim da dissertação), por serem atuais e considerarmos serem de fácil compreensão aos candidatos, levando em conta a diversidade étnica e de origem dos alunos que realizaram as tarefas. Foram feitas tentativas por e-mail para conseguir o material, contudo não nos foi possível e optamos por aplicar as tarefas e fazer um simulado do Celpe-Bras a estudantes estrangeiros no Brasil.

Pressupomos que o gênero *carta do leitor* tenha sido exigido do candidato do Celpe-Bras para avaliar sua capacidade de expressar sua opinião favorável ou contrária a respeito de determinado assunto. Isso exige que o candidato mostre sua capacidade de usar a língua para argumentar, necessitando, para isso, um domínio dos recursos linguísticos, tais como vocabulário e elementos gramaticais relativos a sua competência discursiva de caráter argumentativo. A produção de uma *carta do leitor* também exige do candidato um grau maior

de compreensão leitora, visto que ele vai redigir seu texto a partir de uma reportagem publicada em uma revista.

Na tarefa “Telefone Celular”, é exigido ao candidato que se posicione favoravelmente sobre uso do aparelho celular. Para isso, ele pode contestar os argumentos apresentados na reportagem da revista *ISTOÉ* em que pessoas com opiniões contrárias ao uso do aparelho explicam por que não gostam dele. Na segunda tarefa, “Transgênicos”, o candidato é livre para escolher sua posição acerca do tema, podendo ser contra ou a favor. Da mesma forma que na tarefa “Telefone Celular”, há a reprodução de uma reportagem extraída de uma revista, a *Com Ciência*, em que são apresentados argumentos para que o candidato possa ter elementos para elaborar seu texto.

Foram selecionados para o *corpus* 10 textos produzidos por aprendizes de língua portuguesa no Brasil. Solicitamos que professores e coordenadores de escolas de português para estrangeiros aplicassem as tarefas aos seus alunos e a amigos estrangeiros estudantes de pós-graduação no Brasil. Solicitamos também que os colaboradores realizassem a tarefa em menos de uma hora sem o uso de dicionário, para simular ao máximo o contexto de produção de um candidato no exame. Pedimos aos professores que aplicaram as tarefas que explicassem aos alunos o que é o Celpe-Bras.

Obtivemos retorno das escolas *Aprenda*² (*Aprenda ao Quadrado*) e *Schola*, ambas de São Paulo. Os alunos que realizaram as tarefas residiam no Brasil à época da coleta de dados, exceto o libanês, que mora em Angola.

O enunciado da tarefa “Transgênicos” exigia que o candidato expusesse sua opinião, em uma carta para a revista, sobre o tema dos alimentos transgênicos, com base nas informações apresentadas no texto publicado na revista eletrônica *Com Ciência*⁴. O candidato deveria responder a perguntas levantadas pelos jornalistas na reportagem e posicionar-se contrário ou favorável ao tema dos alimentos transgênicos.

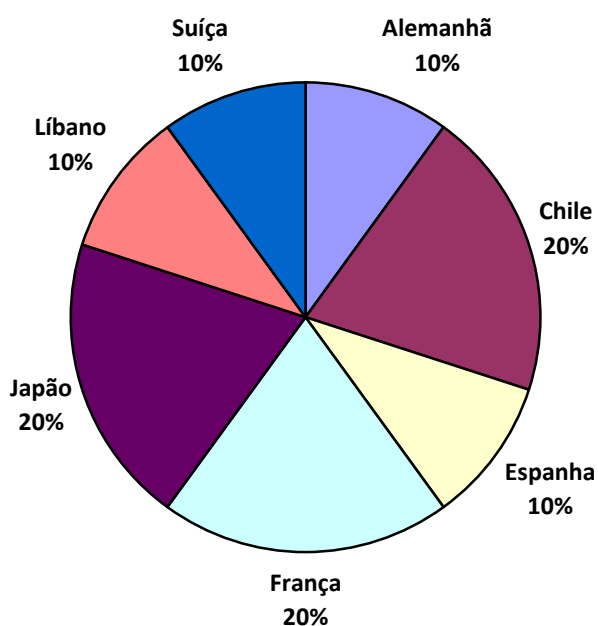
O enunciado da tarefa “Telefone Celular” exigia que o candidato escrevesse um texto para ser publicado na seção *cartas do leitor* da revista *ISTO É*, colocando-se a favor do uso do aparelho celular e questionando os argumentos apresentados na reportagem extraída da revista.

⁴ Disponível em: www.comciencia.com.br

2.2.1 SOBRE OS ESTUDANTES COLABORADORES

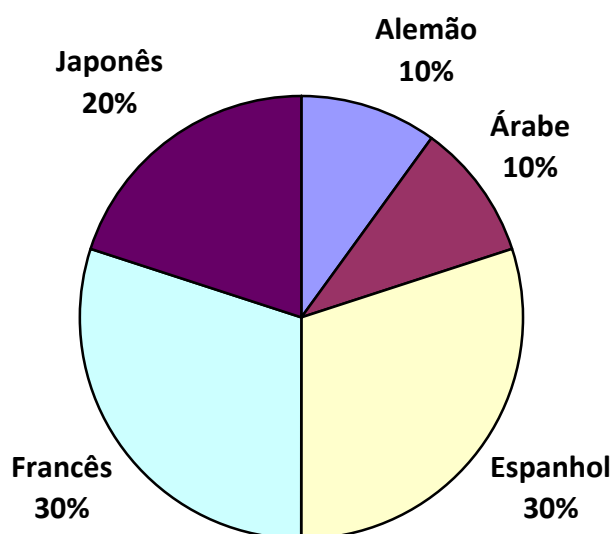
Os 10 textos que compõem o *corpus* foram redigidos por colaboradores de diferentes países e línguas maternas. Das nacionalidades dos estudantes, há um libanês, um espanhol, um alemão, um suíço, dois franceses, dois japoneses e dois chilenos. Quanto ao gênero dos alunos, é composto por oito mulheres e dois homens.

GRÁFICO 3 - PAÍSES DE ORIGEM DOS ESTUDANTES



Em relação à língua materna, três têm o espanhol como língua materna, três o francês, dois o japonês, um o alemão e um o árabe, do que podemos concluir que quatro dos candidatos, quase a metade, fala uma língua cuja origem não é latina e três candidatos têm uma língua materna cujo alfabeto é diferente do latino (o árabe e o japonês).

GRÁFICO 4 - LÍNGUA MATERNA DOS ESTUDANTES



Em relação ao grau de escolaridade, seis cursam ou concluíram pós-graduação e 6 cursam ou concluíram a graduação, o que quer dizer que os candidatos apresentam um nível de escolaridade mínimo de nível superior.

Todos os estudantes que colaboraram com os textos falam, além da língua materna e da língua portuguesa a língua inglesa. Fora o inglês, dois deles também falam espanhol, um fala italiano e dois falam francês.

Sete dos estudantes moraram em outros países além do Brasil e do país onde nasceram e três deles só moraram no país de nascença e no Brasil. Dentre os países nos quais moraram estão a Inglaterra, Austrália, Canadá, Itália, Espanha, Angola e Estados Unidos.

Em relação ao tempo de estudo de língua portuguesa, houve uma grande diferença entre as respostas dos estudantes. Dois deles não informaram o tempo de estudo, um informou que nunca estudou português (adquiriu a língua pelo contato direto em contexto de imersão). O que mais tempo estudou, passou um ano aprendendo português, um estudou por oito meses, um estou por seis meses, outro por quatro meses, dois estudaram por três meses e um estudou por um mês.

O local de aprendizado dos estudantes variou. Três estudaram língua portuguesa no *Instituto Aprenda*² (e um desses com professora particular também), um estudou na *Schola*, um na

Unicamp e os demais disseram ter estudado com professoras particulares ou em escolas, sem informar maiores detalhes.

Das cartas do *corpus*, duas foram escritas por amigos estrangeiros estudantes de português, uma foi adquirida através da professora Airamaia Chapinha da *Schola*, e as demais foram realizadas por alunos da *Aprenda*².

Observamos que o grupo de estudantes que realizou a tarefa é heterogêneo, tanto em relação à língua materna quanto ao tempo de estudo de língua portuguesa. É mais homogêneo em relação ao gênero (70% mulheres) e ao nível de escolaridade (o nível mínimo é o superior incompleto, mas a maioria cursou pós-graduação). O grupo é totalmente homogêneo em relação ao aprendizado de língua inglesa (100% estudaram ou sabem a língua) e 70% dos estudantes moraram em outros países além do país onde nasceram e do Brasil. A tabela 4 resume os dados mais relevantes anteriormente expostos.

TABELA 4 - DADOS DOS ESTUDANTES

Nacionalidade	Homem	Mulher	Língua Materna	Escolaridade	Idade	Demais línguas que fala	Tempo de Estudo de Português
Alemã		X	Alemão	Superior Completo	28	Inglês e Espanhol	3 meses
Chilena		X	Espanhol	Cursando Pós-Graduação	28	Inglês e Italiano	3 meses
Chilena		X	Espanhol	Cursando Mestrado	29	Inglês	Não informado
Espanhola		X	Espanhol	Superior Completo	28	Inglês	4 meses
Francesa	X		Francês	MBA	26	Inglês, Espanhol e Chinês	5 meses

Francês		X	Francês	Mestrado	29	Inglês	6 meses
Japonesa		X	Japonês	Superior Completo	32	Inglês	8 meses
Japonesa	X		Japonês	Ensino Superior	45	Inglês	1 ano
Libanesa	X		Árabe	Superior incompleto	35	Francês, Espanhol e Inglês	Não informado
Suíça		X	Francês	Mestrado	35	Inglês e Espanhol	Tempo não informado

2.3 MÉTODO DA ANÁLISE

Para a análise, usaremos como apoio o estudo de Vargas (2011). A autora procura demonstrar como as categorias de tempo e de aspecto do verbo ajudam na produção de sentido. De acordo com a autora, um de seus pressupostos seria que o estudo das categorias de tempo e de aspecto, tendo como base sua dimensão semântico-discursiva, pode ajudar o aluno a desenvolver a competência linguística e a compreender e saber utilizar os mecanismos disponíveis na língua para criar sentido.

A autora ressalta que as formas verbais “podem denotar as mais variadas intenções de quem as utiliza: tornar os efeitos mais reais, prolongá-los no tempo, promover uma visão ‘espacial’ dos acontecimentos, enfim, persuadir, convencer, influenciar” o seu interlocutor.

Vargas toma o modelo de Weinrich (1974) sobre os grupos de verbo divididos entre o mundo narrado e o mundo comentado e procura demonstrar como essas formas verbais podem ser atribuídas em diferentes situações de uso da língua.

Partindo desse pressuposto, procuraremos mostrar como isso ocorre nas produções de falantes nativos de outras línguas, aprendizes de português, na elaboração dos textos do Celpe-Bras. Analisamos em cada texto os verbos, levando em conta o tempo, modo e o aspecto que apresentam e como isso é utilizado na construção argumentativa dos textos dos estrangeiros. Vargas cita exemplos de construções de sentido a partir de textos publicitários, charges, textos literários para mostrar como o aspecto e o tempo auxiliam na hora de expressar diferentes sentidos, como podemos ver adiante:

EXEMPLOS DE USOS DE ASPECTOS E TEMPOS VERBAIS EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS (ÂNGELO, IVAN. MODOS DE DIZER. VEJA SÃO PAULO, 14 DE FEV. 2007, P. 142. EXTRAÍDO DE VARGAS, 2011)

Modos de Dizer	
1	Curiosos <i>são</i> certos hábitos de linguagem. Usos que <i>surgem</i> sem a gente perceber ou pensar neles,
2	maneiras de dizer. Psicologia da língua.
3	<i>Ocorreu-me</i> isso quando <i>estava jogando</i> bola com meu neto no parque e o pipoqueiro <i>perguntou</i> :
4	- O senhor já <i>tem</i> uns sessentinha, não?
5	Sessentinha. Delicado, isso. O diminutivo <i>significaria</i> que eu <i>parecia</i> estar no começo dos meus sessenta?
6	<i>Se fosse</i> o caso, um sessentão <i>seria</i> aquele que já <i>vai</i> lá mais adiante? Ou o diminutivo <i>poderia significar</i> ,
7	lisonjeiramente, que eu parecia ágil para os 60? (Estando, na realidade, bem adiante.) Sutil a língua brasileira
8	com relação à idade das pessoas. Ninguém <i>diz</i> que você <i>é</i> um vintão, um trintão. Mas logo <i>ganha</i> um “ão”
9	quando <i>chega</i> aos 40, e a partir daí <i>é</i> quarentão, cinqüentão, sessentão, setentão. Aos 80 você se <i>torna</i> vítima de
10	uma bem-intencionada deferência, <i>ganha</i> o rótulo de octogenário, horroroso. Não se diz oitentão. Nem
11	noventão (nonagenário) nem centão (centenário). Já <i>virou</i> sobrevivente.

Fonte: Vargas (2011). Grifos da autora.

Para Vargas, os verbos no presente do indicativo no texto fazem com que as ideias expressas por Ivan Ângelo se tornem “bem reais e permanentes”. Ela cita como exemplos os verbos *ser*

e *surgir* (linha 1), os verbos *dizer* e *ser* (linha 8), *tornar* (linha 9) e *ganhar* (linha 10). Esses verbos no presente “expandem-se, duram, perpetuam-se” e “não têm uma indicação precisa de sua ocorrência num determinado momento” (p.33). Para a autora, tais formas carregam uma marca do aspecto imperfectivo: a “visão espacial” do tempo.

O aspecto perfectivo, presente nos verbos na frase “*ocorreu-me quando estava jogando bola [...] e o pipoqueiro perguntou*” (linha 3) indicam ações finalizadas e situadas num certo momento do passado. Já a ação de jogar bola, na mesma frase, com o verbo *jogar* flexionado no gerúndio junto com o auxiliar no pretérito imperfecto, prolonga-se no passado. A ação espalha-se no tempo, é durativa e trata-se do aspecto imperfectivo. (VARGAS, 2011)

A autora destaca como o uso de certas formas, tais como o futuro do pretérito (*significaria, seria, poderia significar*) e do imperfecto (*parecia, fosse*) expressam o grau de perturbação (que se prolonga num passado hipotético) do sujeito que expressa em relação à pergunta que ele ouve. (VARGAS, 2011)

Nesta pesquisa, analisaremos os textos dos candidatos com base nas definições sobre tempo, modo e aspecto propostas por Castilho (2012) e Travaglia (2006), e na teoria de Weinrich (1974) sobre os grupos de verbo do mundo narrado e comentado. Utilizaremos como base de análise dos verbos nos textos a proposta de Vargas (2011).

Primeiramente, levantamos exemplos de cada tempo, modo e aspecto do *corpus*, analisando seu uso na frase. Depois selecionamos textos e fizemos uma análise integral da seleção dos verbos pelos estudantes estrangeiros para construção do sentido, buscando cumprir todas as exigências das tarefas.

Extraímos exemplos de cada um dos tempos, modos e aspectos verbais, especificamente dos tempos simples. Por conta do foco da análise serem os tempos, modos e aspectos, não consideramos as formas nominais do verbo. Pela baixa ocorrência, também não contemplamos as formas dos tempos compostos dos verbos.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 ANÁLISE DO *CORPUS*

Nesta parte da pesquisa, analisamos como os estudantes utilizaram os verbos na realização da tarefa da escrita da *carta do leitor*. Para isso, levamos em conta que as tarefas do Celpe-Bras selecionadas para a obtenção do *corpus* exigiam um posicionamento diante dos temas das propostas. A tarefa “Telefone celular” pedia que o estudante/candidato se posicionasse favoravelmente ao uso do aparelho celular, enquanto a tarefa “Transgênicos” deixava livre o posicionamento, favorável ou contrário aos alimentos geneticamente modificados. Procuramos verificar se há características comuns em relação ao uso do modo, tempo e aspecto do verbo, como se deu a argumentação e as peculiaridades dos textos, por serem produções de estudantes de português como segunda língua.

Depois das análises, discutimos alguns dos resultados levantados, contrastando-os com as teorias dos autores apresentados na fundamentação teórica.

TEXTO 1

O texto 1, analisado a seguir, destaca-se pelo uso do tempo presente. Nele podemos verificar como o mesmo tempo pode adquirir sentidos quando muda o aspecto do verbo. Há ocorrência também do uso do passado, mas o presente é predominante.

TEXTO 1

- | | |
|---|---|
| 1 | O celular é um avanço na comunicação, e com isso nos temos mais contato com a família e com amigos que estão longe. Avançar é melhorar e o celular é muito bom em nossas vidas. |
| 2 | Fernando Meirelles diz que o telefone é uma espécie de “Fast Food” de relacionamento humano. Mas este é incrível, na sociedade que a gente mora podemos ter contato com outras pessoas de muitas formas, uma de elas é com o celular. Em quanto uma pessoa dá a outra seu número de celular já estão conectadas. Sim você lembra faz muitos anos as pessoas não tinham celular e a única maneira de estar em contato era por correio, isso era muito lento, também podiam estar em contato por o telefone de casa, mais não todas as famílias tinham telefone. No texto |

tambem falan que os celulares são invasivos, mas eu acho que não é assim porque você pode desligar o silenciar seu celular, sim você não quer que perturbe seus momentos a sós. Porisso eu acho que o celular e muito util. Além você pode ter trabalhos obrigada o celular porque esta com você a otra pessoa quer ter um encontro para fazer uma entrevista. E não podemos esquecer que o celular é imprencindivel quando a gente tem uma emergencia.

- 3 Em conclusão o celular é só um aparelho que você usa quando você precisa. Você e uma pessoa humana e você liga e desliga o celular quando você quer. Além disso o celular é um avanço tecnologico muita legal e você pode experimentar muitas aplicaçãoes do celular com ter musica, camera de fotos, jogos entre otras coisas.

Como o texto 1 apresenta predomínio de verbos no presente do indicativo, é importante observar que o presente, conforme destaca Vargas (2011, p. 22), nem sempre designa ocorrências do “aqui/agora”, esse tempo pode designar um hábito, ações passadas, ou futuras. O presente tem, segundo a autora, uma flexibilidade de sentido, o que nos permite concluir que ele não se articula, necessariamente, com TEMPO (cronológico), pois a ideia transmitida pelo uso dessas formas se prolonga.

É o que ocorre em:

O celular é um avançe na comunicação, e com isso nos tenenhemos mais contato com a família e com amigos que estão longe. Avançar é melhorar e o celular é muito bom em nossas vidas.

Nesse parágrafo, os verbos no presente não se referem a um momento de enunciação com aspecto perfectivo. Os verbos no presente evidenciam que esse texto faz parte do mundo comentado, uma vez que a carta do leitor exigida na tarefa é um gênero argumentativo no qual o autor/locutor tenta convencer o leitor/interlocutor de seu ponto de vista. Os verbos no presente no trecho anterior expressam duração e não indicam precisamente uma ocorrência num determinado momento, conforme mostra Vargas em um dos textos que analisa:

Curiosos são certos hábitos de linguagem. Usos que surgem sem a gente perceber ou pensar neles... (VARGAS, 2011, p.33)

Para Vargas essa ocorrência é o que se chama “visão espacial” do tempo, uma das marcas do aspecto imperfectivo (2011).

Há uma mudança no uso do tempo, no segundo parágrafo, quando o autor do texto conta a dificuldade da comunicação no passado.

faz muitos anos as pessoas não tenhiam celular e a única maneira de estar em contato era por correio, isso era muito lento, também podiam estar em contato por o telefone de casa, mais não todas as famílias, tenhiam telefone.

Ele passa a usar os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, o que, de acordo com Weinrich (1974), é um tempo característico do mundo narrado. O trecho narrativo é uma das estratégias usadas para argumentar, de acordo com Travaglia (1991). Neste trecho, o autor da carta recorre a uma comparação do presente com o passado para mostrar as mudanças positivas trazidas pela tecnologia.

Como foi dito, a intenção do autor, no trecho em questão, era de narrar uma situação do passado, contando como era a comunicação antes da invenção do celular, mas como o trecho se refere a uma situação com duração tempo, compartilhada pelas pessoas da época, podemos considerar uma iteratividade no que diz respeito ao ato de “*estar em contato*”. A intenção pode ter sido a de fazer os leitores refletirem sobre as melhorias trazidas pela tecnologia, procurando assim convencê-lo a usar o celular.

O iterativo imperfectivo expressa uma situação que apresenta situação com duração no passado. Os verbos no pretérito imperfeito dão uma ideia de prolongamento da situação, que remete a uma época e não a um momento pontual, conforme aponta Castilho (2012).

O candidato usa o verbo *ter* no imperfeito para expressar a posse do celular (*tenhia*) duas vezes e, nos dois casos, a ação indica anterioridade não pontual e durativa. O mesmo ocorre com o verbo *poder* e *ser*.

Ao longo de todo o texto 1, há uma única mudança no modo verbal, também no segundo parágrafo, quando o autor da carta lança uma situação hipotética e usa o presente do subjuntivo.

[...] *sim* você não quer que perturbe seus momentos a sós.

Depois o autor retoma o uso dos verbos conjugados no presente do indicativo, mantendo seu uso em todos os verbos até o fim do texto. Em seu estudo sobre análise de *cartas do leitor* com um gênero de queixas, críticas e denúncias, Costa (2005, p. 33) revela que dos critérios observados nas cartas analisadas, o presente do indicativo figura entre os tempos verbais empregados. O presente indica, de acordo com a análise da Costa (2005), uma situação presente ou habitual que se contrasta com o pretérito perfeito e é usado para narrar fatos descritos pelos locutores. O emprego do presente se justifica também pelo caráter dialógico da *carta do leitor*, conforme apontado por Gritti (2010).

O autor, depois da longa argumentação no segundo parágrafo, conclui o texto mostrado ao leitor que ele mantém o controle sobre o aparelho celular, podendo desligá-lo.

Em conclusão o celular é só um aparelho que você usa quando você precisa. Você é uma pessoa humana e você liga e desliga o celular quando você quer.

Com esse argumento, o estudante busca desconstruir os argumentos contrários ao celular apresentados na reportagem da tarefa, na qual os entrevistados chamavam o aparelho de *invasivo*. Aqui, configura uma resposta à reportagem e, por isso, os verbos estão no presente do indicativo. O autor repete cinco vezes o pronome *você*, dialogando diretamente com seu leitor e buscando, e pela repetição, convencê-lo do seu ponto de vista.

Além disso o celular é um avanço tecnologico muita legal e você pode experimentar muitas aplicações do celular com ter musica, camera de fotos, jogos entre otras coisas.

Na frase final do último parágrafo, o autor ressalta todas as vantagens das *aplicações* do aparelho celular. Caso os argumentos anteriores não tenham convencido o leitor, a apresentação dos recursos disponíveis nos celulares pode ser a cartada final para ganhá-lo. Os verbos deste trecho também estão no presente do indicativo, como nos anteriores.

TEXTO 2

No texto 2, ao contrário do primeiro, observamos uma maior variedade no emprego dos tempos e modos verbais. É importante ressaltar que a autora se preocupou em colocar algumas estruturas básicas do gênero *carta do leitor*, tais como o vocativo, a despedida e a assinatura, o que não ocorreu no primeiro texto.

TEXTO 2

- 1 Prezado senhor diretor Revista 'Isto é':
- 2 Li com muita atenção a reportagem 'Eles odeiam celular' publicado há pouco na sua revista e gostaria de fazer alguns comentários.
- 3 Primeiro, acredito que cada um é livre de escolher usar ou não celular. Muitos de nós, vivimos parte importante de nossas vidas sem aquela tecnologia e por tanto, sabemos que a vida é possível sem celulares. Além disso, quantas pessoas no mundo não tem acesso à telefonia móvel, especialmente no chamado terceiro mundo?
- 4 Segundo, acho que os celular nas nossas megalópolis se aproximam às pessoas, especialmente à família e amigos. Quantas mães trabalham mais tranquilas ao poder ligar aos seus filhos, os quais só chegarão a ver no fim do dia? Quantas vezes o celular ajudou a matar as saudades criada pelas longas distancias entre pessoas que se amam?
- 5 Por fim, gostaria de trazer a nossa memória uma das histórias mais marcantes que eu lembro relacionada ao uso de celular: aquelas ligações que passageiros dos aviões que foram usados nos ataques de 11 de setembro 2001 fizeram a suas família e amigos ante a certeza de que a morte estava muito próxima. Através daqueles aparelhos se comunicaram pela última vez com as pessoas amadas, ouviram a voz daqueles que nunca mais iriam a abraçar.
- 6 Uma comunicação instantânea, breve, absurdamente trágica mas que permitiu dizer o último adeus.
- 7 Atenciosamente,
XXXX XXXX

Quanto aos verbos, no parágrafo introdutório são usados verbos no indicativo: o verbo *ler* no pretérito perfeito, o verbo *haver* no presente e o verbo *gostar* no futuro do pretérito.

Li com muita atenção a reportagem ‘Eles odeiam celular’ publicado há pouco na sua revista e gostaria de fazer alguns comentários.

Vargas (2011) e Castilho (2012), quando tratam do tipo de verbo como *gostar*, afirmam que a intenção é de polidez, assim podemos constatar que neste parágrafo, ela expressa sua intenção de resposta ao artigo, introduzindo seu objetivo na escrita da carta. Segundo Vargas (2011, p. 47), o futuro do pretérito é um recurso de “atenuação de atos de poder no curso da interação verbal” na interação face a face. Apesar de a carta ser uma interação indireta, o futuro do pretérito mantém esse sentido de polidez e, podemos dizer que a autora escolhe usar este tempo no seu primeiro parágrafo para conquistar seu leitor.

Vargas ainda afirma que o uso do futuro do pretérito num contexto de comentário, sendo um tempo do mundo narrado, constitui o que Weinrich (1974) chama de “metáfora temporal”. Com isso, o discurso exprime matizes de cortesia, timidez, etc. Dessa forma, a autora, ao expor sua opinião, mostra não querer ter um tom arrogante em relação ao texto sobre o qual está escrevendo sua carta.

No segundo parágrafo, os verbos estão todos no presente do indicativo:

Primeiro, acredito que cada um é livre de escolher usar ou não celular. Muitos de nós, vivimos parte importante de nossas vidas sem aquela tecnologia e por tanto, sabemos que a vida é possível sem celulares. Além disso, quantas pessoas no mundo não tem acesso à telefonia móvel, especialmente no chamado terceiro mundo?

Como ocorre no texto 1, o presente do indicativo dos verbos no trecho acima não coincide com o presente do aqui/agora da autora do texto, conforme apontado por Vargas (2011), mas tem um sentido de duração no tempo que configura um aspecto imperfectivo, sem intenção de marcar uma noção de tempo.

A autora do texto busca chamar o leitor para seu lado, quando expõe sua opinião na primeira linha do trecho (*acredito que...*), e se mostra aberta às escolhas pessoais. Ela evita uma opinião chocante na sua argumentação, pois busca convencer seu leitor do seu ponto de vista.

No terceiro parágrafo, há uma mistura entre verbos no presente do indicativo com outros tempos, um no futuro e outro no pretérito imperfeito.

Segundo, acho que os celular nas nossas megalópolis se aproximam às pessoas, especialmente à família e amigos. Quantas mães trabalham mais tranquilas ao poder ligar aos seus filhos, os quais só chegarão a ver no fim do dia? Quantas vezes o celular ajudou a matar as saudades criada pelas longas distancias entre pessoas que se amam?

É importante notar que as sequências dos usos verbais vão se tornando variadas conforme avança a exposição dos argumentos, pois a autora alterna entre verbos do grupo do mundo comentado (como o presente e o futuro) e do mundo narrado (pretérito perfeito), de acordo com o modelo proposto por Weinrich (1974). A autora, no terceiro parágrafo, argumenta por meio de perguntas de apelo emocional, como quando fala sobre as mães e os filhos e a saudade pela distância e procura envolver o leitor em seus argumentos para convencê-lo, apelando para as emoções. Por isso, os verbos do trecho podem ser considerados no aspecto iterativo, com um sentido de repetição das situações representadas (como em *trabalham*, *ajudou a matar*). O pronome interrogativo *quanto* reforça a ideia de quantificação e repetição das situações expressas pelo verbo.

No parágrafo do argumento final, há uma sequência narrativa em que se mesclam vários verbos no indicativo passado, todos do mundo narrado: futuro do pretérito, pretérito imperfeito e pretérito perfeito. O texto 1 apresentou o uso do pretérito perfeito do indicativo e/ou imperfeito a partir do segundo parágrafo, quando a autora passa a narrar fatos e/ou contar histórias que a ajudou a embasar sua argumentação. Aqui, há outro exemplo de um trecho narrativo para composição da argumentação:

Por fim, gostaria de trazer a nossa memória uma das histórias mais marcantes que eu lembro relacionada ao uso de celular: aquelas ligações que passageiros dos aviões que foram usados nos ataques de 11 de setembro 2001 fizeram a suas família e amigos ante a certeza de que a morte estava muito próxima. Através daqueles aparelhos se comunicaram pela última vez com as pessoas amadas, ouviram a voz daqueles que nunca mais iriam a abraçar.

Castilho, em sua gramática, faz uma boa observação quanto ao uso do futuro do pretérito. O sufixo *-ria*, como ele coloca, “é polifuncional, atuando como modo ou como tempo” (pg. 441). O autor aponta que o futuro do pretérito tem um lado modal, cujo rótulo *condicional*

evidencia quando presente em uma sentença complexa condicional (*Ex: se eu pudesse, sairia*). Quando o futuro do pretérito ocorre em uma sentença complexa substantiva (*Ex: Eu disse que iria depois da festa*), o lado temporal deste tempo é retratado. O tempo futuro do pretérito (metafórico) em “gostaria” é utilizado para “manifestar opinião de modo reservado” na introdução dos argumentos (Castilho, 2012 p. 434). Os verbos no pretérito perfeito do indicativo (*fizeram, comunicaram e ouviram*) indicam anterioridade e ações pontuais e acabadas, pois se referem a um diálogo com algum prolongamento no tempo. Na textura dessa carta, o pretérito imperfeito em “estava” indica semanticamente uma anterioridade não pontual, portanto o uso do tempo desse passado é real e não metafórico, porque o falante quer descrever um estado de coisas que coincide com o tempo cronológico (CASTILHO, 2012).

E, finalmente, no último parágrafo há apenas um verbo, no pretérito perfeito do indicativo, usado para concluir a história narrada no trecho anterior:

Uma comunicação instantânea, breve, absurdamente trágica mas que permitiu dizer o último adeus.

Mais uma vez, a autora apela à emoção do leitor para procurar convencê-lo de seu ponto de vista favorável ao uso do aparelho celular.

A estudante têm um conhecimento e um domínio verbal que permite cumprir a tarefa de forma adequada, usando recursos variados para elaborar sua argumentação, tais como os questionamentos do quarto bloco e a narrativa no penúltimo parágrafo. Isso nos mostra que se o estudante tiver um bom conhecimento verbal, poderá obter uma riqueza na sua expressão argumentativa.

Texto 3

TEXTO 3

- | | |
|---|--|
| 1 | Quero comentar sobre o artigo “eles odiam celular” publicado na edição de isto E d janeiro. |
| 2 | Pessoalmente, eu acho celular uma ferramenta na corrida do dia dia. |
| 3 | Imagina que você esteja fazendo comprar, mas você esqueceu sua carteira. Liga rapidamente para sua casa ou amigos e em dez minutos o problema sera resolvido. |
| 4 | Com faria sem celular? Com certeza perde um tempo precioso. |
| 5 | Outro exemplo você esta perdido, sem o gps que você deixou para seu marido de manha. Liga o celular e a “google map” resolve o problema em dois minutos para que |

- você chegue na hora no seu compromisso.
- 6 No dia dia tem centos e mais exemplos de utilidade dum celular. Agora para responder as pessoas que achem que o celular perturbe a tranquilidade da vida, quero dizer que eles não sabem gerenciar um telefone. Enquanto eu estou ocupada, com amigos, passeando ou de férias meu telefone sempre fica desligado o em modo silencioso e não me incomoda nos momentos em que não quero ser incomodada.
- 7 Todo mundo tem um computador, não é? E ninguém leva-o quando não precisa-lo! Porque não poderia ser o mesmo com um telefone?

O presente é o tempo que observamos como o mais frequente nas cartas analisadas. Algumas cartas do leitor do *corpus* apresentaram verbos apenas no presente do indicativo.

Quero comentar sobre o artigo “eles odiam celular” publicado na edição de isto E d janeiro.

Nessa frase é usado o presente do indicativo para introduzir o tema da carta com uma perífrase verbal com o verbo *querer* + indicativo. Ao contrário do texto 2, a autora desta carta, usa o verbo no presente do indicativo para introduzir sua argumentação. Se o pretérito perfeito expressa um tom de cortesia, o presente expressa um tom assertivo e direto ao texto.

O texto 3 apresenta predominância dos verbos no presente do indicativo (exemplos), mas ainda assim há uma variedade no uso de tempos e modos.

No terceiro parágrafo há uma situação hipotética na qual se faz necessário o uso do presente do subjuntivo.

Imagina que você esteja fazendo comprar, mas você esqueceu sua carteira. Liga rapidamente para sua casa ou amigos e em dez minutos o problema será resolvido.

A variação dos tempos do indicativo enriquece a construção da argumentação, com eles é possível expressar um ponto de vista narrando uma história ou descrevendo uma situação. Os verbos do indicativo, de acordo com o modelo de Weinrich (1974), pertencem aos grupos do mundo narrado ou do mundo comentado e o locutor/autor pode utilizar a narração ou descrição para argumentar, ou convencer o locutor a acreditar ou fazer o que ele quer, conforme aponta Travaglia (1991).

Na situação apresentada, primeiramente há um verbo no presente do indicativo, evocando o leitor a interagir imaginariamente durante a leitura. Na sequência, a locução gerundial com

verbo *estar* no presente do subjuntivo + o verbo *fazer* no gerúndio (*esteja fazendo compras*) levam o leitor para dentro da situação narrada, por conta do aspecto imperfectivo.

Vargas aponta (2011, p. 66), *estar + verbo no gerúndio*, junto do elemento circunstancial *quase*, pode ser usado como uma estratégia de argumentação com a qual “quem produz o texto procura guiar o leitor para o que quer fazê-lo admitir”.

Embora o contexto seja diferente, no texto 3, a intenção do autor pode ser a mesma, a de guiar o leitor segundo seu ponto de vista.

O verbo *esquecer* expressa anterioridade através do aspecto perfectivo pontual (*Imagina que você esteja fazendo comprar, mas você esqueceu sua carteira*); o verbo *ligar* (*Liga rapidamente para sua casa ou amigos e em dez minutos o problema será resolvido*) expressa um presente metafórico, e o uso do futuro do presente na voz passiva conclui a linearidade temporal da situação, quando ela se fecha.

No quarto parágrafo, é retomado o diálogo com o leitor através de uma pergunta e a resposta.

Com faria sem celular? Com certeza perde um tempo precioso.

O futuro do pretérito, neste caso, é usado para introduzir a pergunta, como condicional.

No terceiro parágrafo, a autora da carta argumenta usando outra situação hipotética, usando outra combinação de verbos.

Imagina que você esteja fazendo comprar, mas você esqueceu sua carteira. Liga rapidamente para sua casa ou amigos e em dez minutos o problema será resolvido.

Ela começa com o verbo *estar* + gerúndio para descrever a cena, depois recorre a uma situação anterior por meio do verbo *deixar* no pretérito perfeito do indicativo. Travaglia aponta que o verbo *estar* + gerúndio atua como um tipo de aspecto cursivo, não acabado e isso é perceptível na intenção da estudante ao narrar uma situação com intenção de levar o leitor a se colocar no momento da ação.

Por fim, como no exemplo anterior, a situação é solucionada pelo verbo *ligar* conjugado no presente do indicativo com um sentido metafórico, também mantido no verbo seguinte *resolver*. A frase final, introduzida pela conjunção subordinativa de finalidade *para que*, encerra o problema fictício por meio do verbo *chegar* no presente do subjuntivo.

Enquanto eu estou ocupada, com amigos, passeando ou de férias meu telefone sempre fica desligado o em modo silencioso e não me incomoda nos momentos em que não quero ser incomodada.

Neste trecho do último parágrafo, a autora do texto argumenta usando um exemplo da sua vida. Há uma situação em seu pleno curso, o que podemos perceber a partir da conjunção *enquanto* e dos da locução *estou ocupada*. Os verbos estão no presente, mas expressam aspectos diferentes. Os verbos *ficar* e *incomodar* (também seguidos por participípios) expressam iteratividade, que podemos perceber pelo advérbio de tempo *sempre*.

No parágrafo final, para fechar, a autora estabelece uma comparação entre o aparelho celular e o computador. Com isso, ela procura mostrar que as pessoas são livres para optar não levarem o celular, caso queiram.

Todo mundo tem om computador, não é? E niguem leva-o quando não precisa-lo! Porque não poderia ser o mesmo com um telefone?

O verbo da pergunta final do texto, *poderia*, está conjugado no pretérito perfeito, que expressa uma condição, que fica em aberto, por conta do leitor. Assim, a autora procura convencer seu leitor, por meio da pergunta para que o leitor reflita sobre sua liberdade de escolha.

TEXTO 4

1	Por que três bilhões de aparelhos são usados no mundo? Porque o celular é muito útil for muitas pessoas. Acho que tem três razões seguinte.
2	1. Para economizar o tempo.
3	Nos podemos usar o celular em qualquer lugar e a qualquer momento. Especialmente é importante quando nos usamos o no trabalho. Nos somos ajudados pelo celular.
4	2. O uso é não só ligação
5	Hoje em dia, nos usamos o celular não só ligação mas também outros objetivos.
6	Segundo a última pesquisa, o uso de e-mail é mais aumentado do que o uso de ligação.
7	Alem disso, o celular pode usar for a câmera, internet e oubir música.
8	3. Em caso de emergência.
9	Quando nos acontecemos algum acidente sem amigo, nos podemos chamar a policia ou a ambulância.
10	Se o grande terremoto acontecesse, o clelular vai substituir GPS e também nos podemos procular uma família

O texto 4 apresenta a maioria dos verbos no presente do indicativo, como ocorreu no texto 1. Das 17 ocorrências de verbos, simples, locuções ou perífrases, o verbo *usar* aparece em cinco delas e construções com o verbo *poder* em 4 delas. Podemos supor que haja certa limitação no conhecimento linguístico do uso dos verbos, tanto na variação dos tempos e modos quanto no âmbito lexical.

O candidato se posiciona favoravelmente ao uso do celular. Para isso, ele estruturou seu texto com uma pergunta no primeiro parágrafo, que responde nos parágrafos seguintes, em tópicos.

Por que três bilhões de aparelhos são usados no mundo?

Ao contrário dos textos analisados anteriormente, o autor não faz referência aos argumentos presentes na reportagem da tarefa nem começa o texto indicando que se trata de uma resposta a outro texto.

TEXTO 5

	Caros Luisa e Ildeu,
1	Respondendo as perguntas, eu não compraria esses produtos porque acredito que faz mal para minha saúde.
2	Talvez ajudaria a melhoria na qualidade e a situação de fome. Porém, eu sou contra. Porque nós não sabemos o risco que vamos correr no nosso corpo e à terra. Dizen que esses produtos vão trazer problema como câncer. Se você souber disso, para que você vai pagar menos e riscar sua vida?
3	Meu pai faleceu quando eu tinha 3 anos por causa de câncer. Possivelmente não foi contaminado pelos alimentos. Porem não sei qual que causou morte do meu pai. Ele morreu com 40 e poucos anos... Eu gostaria de aproveitar minha vida, então para que eu vou aceitar esses produtos? Quem quiser compra-los. Mas os produtores precisam respeitar nosso ambiente para não destruir nosso mundo!!!

O texto 5 parte da opinião direta da autora do texto e de sua justificativa para tal posição. Ela se coloca contrária ao consumo de alimentos transgênicos e utiliza o futuro do pretérito para argumentar. Conforme Castilho (2012), o futuro do pretérito metafórico é usado como presente do indicativo, quando se pretende manifestar uma opinião de modo reservado. Parece que é o caso da carta acima tanto no primeiro quanto no segundo parágrafos.

No segundo parágrafo, a autora coloca um contra-argumento do seu ponto de vista, mas o utiliza para justificar sua posição no texto. Sua justificativa se dá através de verbos no presente do indicativo e no futuro do indicativo e do subjuntivo.

Talvez ajudaria a melhoria na qualidade e a situação de fome. Porém, eu sou contra. Porque nós não sabemos o risco que vamos correr no nosso corpo e à terra. Dizem que esses produtos vão trazer problema como câncer. Se você souber disso, para que você vai pagar menos e riscar sua vida?

No parágrafo final, a autora argumenta através de uma pequena narrativa de um fato de sua vida pessoal, usando verbos no pretérito perfeito do indicativo para falar dos acontecimentos passados, como a morte de seu pai. O pretérito perfeito, como apontamos, é um tempo do mundo narrado. Nesse momento, a autora do texto pretende comover seu leitor, explicando um dos motivos pelos quais é contrária aos alimentos transgênicos. Em seguida ela manifesta sua opinião através do verbo *gostar* no futuro do pretérito e fecha o argumento com um questionamento projetado para o futuro.

Meu pai faleceu quando eu tinha 3 anos por causa de câncer. Possivelmente não foi contaminado pelos alimentos. Porém não sei qual que causou morte do meu pai. Ele morreu com 40 e poucos anos... Eu gostaria de aproveitar minha vida, então para que eu vou aceitar esses produtos? Quem quiser compra-los. Mas os produtores precisam respeitar nosso ambiente para não destruir nosso mundo!!!

A frase em que ocorre o uso do futuro do subjuntivo (em *Quem quiser compra-los*), embora com um erro no uso da colocação pronominal, indica que a autora está expressando estritamente sua opinião, deixando a liberdade de escolha a quem quiser discordar.

Ela conclui o texto com verbos no presente do indicativo, em seu uso real, indicando um presente largo, imperfectivo, expressando a importância da responsabilidade dos produtores de alimentos transgênicos com o mundo.

A autora da carta utiliza uma noção temporal vinculada ao verbo *falecer*. O sentido do verbo, por ser télico, fortalece a noção de singularidade e não repetição da situação, conforme aponta Castilho (2012) e Travaglia (2006).

Meu pai faleceu quando eu tinha 3 anos por causa de câncer. [Texto 27]

Percebemos uma variedade na seleção dos tempos e modos dos verbos para expor sua argumentação. Com isso, ela recorre à narração, levantamento de hipóteses e questionamentos dirigidos ao leitor.

TEXTO 6

Prezada Luisa Massarani, Prezado Ildeu de Castro Moreira

1 O mundo está frente a uma situação preocupante: a invasão dos transgênicos.

2 Para mim, se o projeto fosse ratificado, seria um problema grave para nossa geração e as outras futuras!

3 Ante tudo, para alguns cientistas, as pesquisas não são suficientes para dizer francamente se sim ou não essas espécies trazem risco. Dessa maneira, tanto quanto tiver dúvidas, eu sempre será a favor de impedir os transgênicos.

4 Além disso, temos em geral e especialmente no Brasil uma natureza generosa. É importante de respeitá-la!

5 Seria muito perigoso de modificar essa fauna e flora com genes de outras espécies porque ninguém pode adivinhar e prever o poder da Dama Natura, a vingança dos elementos naturais e a resposta do Medio Ambiente.

6 Por otra parte, as empresas de transgenia são o pior do que a agricultura há! Existem lobbys super poderosos que manipulam e financiam membros da comissão técnica de biotecnologia. Desejo que essas empresas saiam do paisagem e deixem o povo e as instuições cair fora das presões e das ditaduras ambientais.

7 Por fim, me lembro de um filósofo francês chamado Voltaire dizer: “cada um deve fazer seu próprio jardim” (Candide). Uma maneira literaria de dizer que toda atitude contra-natura impede os desarrollo pessoal. Toda forma de crescimento físico ou intelectual deve ser feito por um pensamento rezoácel, e com elementos naturais.

Obrigada,
Atenciosamente,
Xxxx

O texto 6 se abre com uma afirmação que busca alertar o leitor a respeito dos alimentos transgênicos. O segundo parágrafo do texto revela a opinião da leitora a respeito do assunto. Ela usa o imperfeito do subjuntivo para expressar uma possibilidade e o futuro do pretérito para expressar sua preocupação, ainda que de modo reservado, em relação à liberação dos alimentos geneticamente modificados.

Para mim, se o projeto fosse ratificado, seria um problema grave para nossa geração e as outras futuras!

Ela, no terceiro parágrafo, recorre a um argumento da reportagem da tarefa para embasar sua argumentação. Ela usa verbos no presente do indicativo para se referir a esse argumento.

Ante tudo, para alguns cientistas, as pesquisas não são suficientes para dizer francamente se sim ou não essas espécies trazem risco.

No quinto parágrafo, a autora expressa uma condição para convencer o leitor do seu ponto de vista, apelando para a ameaça ao meio ambiente que podem representar o cultivo de transgênicos. Para isso, ela usa o verbo *ser* no futuro do pretérito.

Será muito perigoso de modificar essa fauna e flora com genes de outras espécies porque ninguém pode adivinar e prever o poder da Dama Natureza, a vingança dos elementos naturais e a resposta do Meio Ambiente.

No sexto parágrafo, ela novamente expressa seu ponto de vista, por meio de uma frase assertiva. Depois ela recorre a informações a respeito das indústrias alimentícias, alertando mais uma vez o leitor sobre os aspectos negativos da comercialização dos transgênicos. Na última frase do parágrafo, ela expressa um desejo de forma explícita, usando um verbo no presente do indicativo e o verbo *sair* no presente do subjuntivo. Aqui, o presente do subjuntivo é usado depois de verbo no presente + conjunção subordinativa *que*. Na frase há três verbos, dois deles conjugados no subjuntivo e o terceiro no infinitivo, possivelmente por conta do distanciamento do verbo em relação à frase subordinativa ou porque o sujeito do verbo seja diferente. No primeiro caso, o sujeito são *empresas* e no segundo *instituições*.

No parágrafo seguinte, ela faz uma citação para dar base a seu ponto de vista.

Por fim, me lembro de um filósofo francês chamado Voltaire dizer: “cada um deve fazer seu próprio jardim” (Candide).

Depois, ela explica o uso da citação, para convencer o leitor sobre as desvantagens da agressão à natureza.

Uma maneira literaria de dizer que toda atitude contra-natura impede os desarrollo pessoal. Toda forma de crescimento físico ou intelectual deve ser feito por um pensamento rezoácel, e com elementos naturais

Na frase final, o iterativo perfectivo em *deve ser feito* expressa uma ação que se repete, no entanto, sem uma noção de duração. O parágrafo 5 transmite essa noção de que a situação deve se repetir a cada vez que ocorre. Esse sentido é complementado pelo pronome *todo*, repetido na primeira e na segunda oração.

TEXTO 7

- | | |
|---|---|
| 1 | Numa última edição li a reportage “Eles odeiam celular” e fiquei surpeendido pela ignorância de algumas pessoas. |
| 2 | Eu utilizo meu celular para falar com meus amigos e amigas que estão aqui no Brasil ou também longe daqui. É certo que o móvil ajuda de ficar em contato e tão nos aproxima. |
| 3 | Tem pessoas que não podem ou não sabem como que lidar com o desenvolvimento tecnológico, mas acho que ignora-lo é (seja) a resposta falsa |
| 4 | Sobetudo a comparação com fast-food não gosto. Só porque estão falando em meu celular não significa que a relação com a pessoa a outra lado não é boa ou saudável. |
| 5 | O ejemplo de Vera Fischer mostra que hoje em dia é necessário possuir um celular. Ou que seja a razão que suas amigas querem dar um a ela móvil como presente? |
| 6 | Por isso, gente! Compra um móvil e abre-se por o mundo moderno. Se não querem ovir o celular tocando, tem uma função que chama “silêncio”. Assim, só ligam às amigos cuando vocês querem. |

No exemplo 7, à exceção do parágrafo inicial que usam verbos no pretérito perfeito e dos dois últimos parágrafos nos quais há verbos no presente do subjuntivo e no imperativo, todos os demais verbos estão no presente do indicativo, o que ocorreu no texto 1 e 4.

A argumentação ocorre por meio do relato de um exemplo do cotidiano do autor do texto e de sua opinião diante dos depoimentos da reportagem da tarefa “Telefone Celular”.

Eu utilizo meu celular para falar com meus amigos e amigas que estão aqui no Brasil ou também longe daqui. É certo que o móvil ajuda de ficar em contato e tão nos aproxima.

Na primeira frase do exemplo acima, os verbos no presente expressam sentido de iteratividade, pois podemos concluir que o ato de falar ao celular com os amigos tende a ser um hábito ou algo rotineiro.

O sentido da frase do quinto parágrafo, o estudante faz referência a um dos argumentos contrários ao uso do celular presente na reportagem da tarefa, e procura refutá-lo com uma pergunta sobre a razão de Vera Fischer não gostar de celulares.

O ejemplo de Vera Fischer mostra que hoje em dia é necessário possuir um celular. Ou que seja a razão que suas amigas querem dar um a ela móvil como presente?

Nesse caso, não fica claro o sentido da frase expressa, mas pode-se pensar que houve uma tentativa de expressão hipotética, o que semanticamente justificaria o uso do presente do subjuntivo no verbo *ser*, pois o presente do subjuntivo pode expressar “incertezas, possibilidade, probabilidade” (CASTILHO, 2012, p. 435).

É possível inferir o sentido da locução *querem dar*, mas deixa uma ambiguidade porque o uso do verbo *ser* e do verbo *querer* parecem pouco compreensíveis na oração. Talvez ele quisesse usar o verbo *ser* no futuro do indicativo “será que a razão”, mas de qualquer forma ainda fica ausente o complemento nominal “razão de Vera Fischer não gostar” ou “razão disso”. O verbo *querer* também acentua essa nebulosidade do sentido, pois uma interpretação possível seria que Vera Fischer diz que não gosta de celulares para ganhar um aparelho de suas amigas, então o verbo *dar* pode estar expressando o sentido de *ganhar*, como se a atriz dissesse que não gosta do aparelho móvel apenas para poder ganhar um de presente.

No parágrafo final, o autor se dirige diretamente aos leitores do texto, usando um vocativo e um verbo no presente do indicativo para expressar ordem, no lugar do modo imperativo.

Por isso, gente! Compra um móvel e abre-se por o mundo moderno. Se não querem ovir o celular tocando, tem uma função que chama “silêncio”. Assim, só ligam às amigas quando vocês queram.

Pode ser que o estudante tenha confundido as flexões do imperativo, pois morfologicamente os verbos da primeira conjugação, terminados em *-ar* (como comprar), quando conjugados no modo imperativo negativo, flexionam com o sufixo de modo e tempo *e* (*compre*). Os verbos da segunda (*beber*) e terceira (*abrir*) conjugação são flexionados com o sufixo de modo e tempo *a* (*beba, abra*) (CASTILHO, 2012). O autor da carta faz o contrário, flexiona o verbo como o presente do indicativo, talvez por ser a forma mais usada na comunicação oral informal para se fazer pedidos ou ordens. Percebe-se que se trata de uma ordem ou sugestão pelo uso do vocativo na frase anterior e pelo pronome *se* após o verbo *abrir*. O pronome dá ao verbo um sentido reflexivo, o que sugere a ideia de ordem.

O trecho em que o autor da carta se dirige ao leitor, emitindo uma ordem é o parágrafo conclusivo do texto, é um apelo direto ao leitor para que aceite a posição favorável ao telefone celular.

TEXTO 8

- 1 Para além do fato que o celular represente um mercado economico lucrático, sua utilização preenche mesmo assim um papél social.
- 2 Moramos numas sociedades modernas que mudam rapidamente e pedem nas pessoas adaptar-se.
- 3 Negar a utilidade do telemóvel seria como não aceitar o desenvolvimento economico e social das sociedades.
- 4 Hoje, o celular poderia estar compartilhado a uma ferramenta social que ajudasse ficar em adequação com seu meio ambiente.
- 5 Além desses aspetos sociais o celular permite mesmo assim responder – nas emergencias que aconteçam. Quantas pessoas foram salvas graças ao uso do celular?
- 6 Pois não, temos que admitir que o uso de celular nos casos de emergencias representa uma percentagem fraco em comparação ao uso cotidiano, mas é importante sublinhar este aspeto.
- 7 Mais além, oferece a possibilidade aos utentes de ficar em contato numa sociedade de mobilidade.
- 8 Permete às pessoas de viajar ou mudar longe da sua familia sem estar com medo de romper o vinculo social, têm assim a possibilidade de ficar em contato cotidianamente.
- 9 Em fim para responder ao argumento segundo o qual o celular não permita ficar as vezes desligado do resto do mundo (o que eu admito é necessario para cada um!), eu avisaria os refractarios que exista uma tecla que permita desligar o aparelho quando alguém quiser!
- 10 Então, é um argumento errado, dizer que o celular deixe os utentes escravos, acho que for mais certo dizer que dependa de cada um ser escravo ou não!
- 11 Para concluir, seria moderado, admitir que o celular tem uma utilidade social inégavel, mas cómo tudo, precisa estar usado com um pouco de moderação!

O texto 8 é iniciado com uma afirmação sobre o papel social e comunicativo do celular, que ultrapassa os fatores econômicos. O período é construído com um verbo no presente do subjuntivo depois da locução conjuntiva *para além de que* e um verbo no presente do indicativo. Nesse parágrafo inicial, o autor do texto expõe seu primeiro argumento favorável ao celular.

Para além do fato que o celular represente um mercado economico lucrático, sua utilização preenche mesmo assim um papél social.

Em “*Para além do fato que o celular represente”* poderíamos considerar a escolha do subjuntivo pela presença da locução conjuntiva *além de que*. Já no trecho do oitavo parágrafo “*nas emergencias que aconteçam”* o uso do presente do subjuntivo pode ter sido ocasionado por uma possível confusão com o futuro do subjuntivo, que expressaria uma hipótese realizável no futuro ou por generalização do subjuntivo depois de *que*.

O argumento apresentado nesse trecho é discutido no texto até o quarto parágrafo. No segundo parágrafo, o autor introduz a explicação sobre a afirmação feita anteriormente, usando, para isso, verbos no presente do indicativo.

Moramos numa sociedade modernas que mudam rapidamente e pedem nas pessoas adaptar-se.

Os verbos do trecho expressam um presente imperfectivo, com duração no tempo. O Tempo cronológico dos verbos não coincide com o momento pontual da enunciação. O presente, de acordo com Weinrich (1974), constitui um dos tempos mais importantes do mundo comentado e, de acordo com Vargas (2011, p.42), designa “uma atitude comunicativa de engajamento, de compromisso”.

No terceiro parágrafo, o autor apresenta um contra-argumento, utilizando o futuro do pretérito para expressar uma condição, de como seria a negação da utilidade do celular. Ele usa o futuro do pretérito porque cita uma opinião que não concorda, apenas para reforçar seu ponto de vista por meio de uma condição.

Negar a utilidade do telemóvel seria como não aceitar o desenvolvimento economico e social das sociedades.

O futuro do pretérito, conforme analisado por Vargas (2011), pode expressar hipóteses, como é o caso do trecho do parágrafo 3. No caso do texto 8, expressa uma tentativa de persuasão do leitor, conforme aponta Vargas, e o futuro do pretérito é uma tentativa de buscar parceria, convencer o leitor, que se faz mais importante do que a expressão de certezas. Isso, segundo a autora é o que se entende como “ato de argumentar”. (VARGAS, 2011, p. 34)

No parágrafo seguinte, o autor levanta a possibilidade de uma comparação, no entanto, não fica claro o elemento com o qual ele está comparando o celular porque ele usa *ferramenta social*, que parece ser algo muito vago.

Hoje, o celular poderia estar compartilhado a uma ferramenta social que ajudasse ficar em adequação com seu meio ambiente.

Quanto aos verbos, ele usa para indicar essa possibilidade de comparação, uma perífrase com o verbo *poder* no futuro do pretérito + verbo no particípio, que indica expressão da opinião de modo reservado. O verbo *ajudar* no imperfeito do subjuntivo parece inadequado ao sentido que o autor da carta quis expressar, pois não há referência a uma noção de anterioridade, mas de uma ação no presente, expressa pelo advérbio *hoje*. Talvez o presente do subjuntivo ou o presente do indicativo comporiam um paralelismo melhor com o que foi dito nos parágrafos.

No parágrafo quinto, o autor apela ao benefício de ser ter um celular em situações emergenciais.

Além desses aspectos sociais o celular permite mesmo assim responder – nas emergências que aconteçam. Quantas pessoas foram salvas graças ao uso do celular?

O verbo *acontecer*, no presente do subjuntivo, pareceu ter sido usado equivocadamente, uma vez que é mais adequado o futuro do subjuntivo para se referir a hipóteses realizáveis no futuro, conforme aponta Castilho (2012, p. 435) quando diz que o futuro do subjuntivo “*expressa posterioridade problemática, em sentenças subordinadas*”.

O verbo *ser* indicando voz passiva no pretérito perfeito, retoma a um exemplo no passado, para fazer o leitor se lembrar de situações nas quais o celular ajudou.

Há uma retomada da questão no sexto parágrafo, na qual o autor novamente faz uma comparação, dessa vez usando verbos no presente.

Pois não, temos que admitir que o uso de celular ~~nos~~ casos de emergências representa uma percentagem fraca em comparação ao uso cotidiano, mas é importante sublinhar este aspecto.

Ele compara o uso do celular no cotidiano em relação ao uso em situações emergenciais, indicando que o uso diário é mais relevante, mas ele explica isso nos parágrafos 7 e 8, mantendo o uso do presente do indicativo.

Mais além, oferece a possibilidade aos utentes de ficar em contato numa sociedade de mobilidade.

Permete às pessoas de viajar ou mudar longe da sua família sem estar com medo de romper o vínculo social, têm assim a possibilidade de ficar em contato cotidianamente.

No nono parágrafo, o autor do texto retoma o enunciado da tarefa, procurando ser objetivo na conclusão de sua argumentação, ele usa o futuro do pretérito para dar um recado para as pessoas que não gostam do celular, dizendo que tem a possibilidade de desligar o aparelho.

Em fim para responder ao argumento segundo o qual o celular não permita ficar as vezes desligado do resto do mundo (o que eu admito é necessário para cada um!), eu avisaria os refractarios que exista uma tecla que permita desligar o aparelho quando alguém quiser!

Nesse caso, ele usa dois verbos no presente do subjuntivo (*permitir* e *existir*), mas acreditamos que ocorre um erro nesse uso por conta da generalização do uso do subjuntivo depois de um verbo seguido da conjunção *que*, analisada anteriormente sobre o presente do subjuntivo. É possível que tenha havido uma generalização do uso do presente do subjuntivo, pois o verbo seguinte no presente do subjuntivo *permita* também está precedido pelo mesmo pronome. Nesses casos, pode ter havido uma confusão sintático-semântica da partícula que desempenha tanto papel de conjunção subordinativa quando de pronome relativo.

O presente do indicativo tornaria a oração adequada nas duas situações, com o verbo *existir* e com o verbo *permitir*.

O verbo no futuro do pretérito *avisaria* é usado, conforme aponta Vargas (2011) com o sentido de cortesia, pois funciona como “modo de atenuação de atos de poder no curso da interação verbal”. (VARGAS, 2011, p. 47) O autor da carta procura se mostrar polido, e esse uso do futuro do pretérito numa situação comentadora, quando faz parte do grupo de verbos do mundo narrado, “exprime um matiz de validade limitada” (idem).

O mesmo ocorre no décimo parágrafo, quando o estudante autor do texto usa os verbos *deixar*, *ser* e *depende* no subjuntivo para refutar o argumento de que as pessoas ficam escravas do celular. O presente do indicativo se encaixaria melhor nessas situações, como ele havia usado nos primeiros parágrafos.

Então, é um argumento errado, dizer que o celular deixe os utentes escravos, acho que for mais certo dizer que dependa de cada um ser escravo ou não!

A candidata usa o presente do subjuntivo depois de um verbo no infinitivo + *que*, nesse caso desempenhando papel de pronome relativo.

No parágrafo de conclusão, ele expressa sua opinião, já clara no fim do texto, usando o verbo *ser* no futuro do pretérito e verbos no presente do indicativo.

Para concluir, seria moderado, admitir que o celular tem uma utilidade social inégavel, mas cómo tudo, precisa estar usado com um pouco de moderação!

A conclusão do texto é feita por meio de uma reflexão sobre a importância do aparelho celular, introduzida pelo verbo *ser* no futuro do pretérito, designando cortesia, tom pelo qual ele procura encerrar sua argumentação.

TEXTO 9

- | | |
|---|---|
| 1 | Na minha opinião, o celular é a melhor, mais marcante e importante invenção da modernidade. |
| 2 | Faço sempre questão de refazer essa pergunta para ver se mudo de idéia mas sem sucesso, a permanece a mesma, o aparelho que, a principio, inventado para fazer e receber chamadas, deixou de ser um simples telefone móvel, adquirindo o posto de: “coisa que não posso viver sem”. E não é para menos! A nova geração chamada: telefones inteligentes, é capaz hoje de realizar múltiplas tarefas simultaneamente. |
| 3 | É inaceitável negar que vivemos nos dias de hoje uma notável revolução tecnológica à nível global, onde é praticamente impossível não acompanhar esse ritmo ultra-acelerado do surgimento de novas tecnologias e aparelhos que ganham cada vez mais potências e opções que na maioria dos casos não são todas aproveitadas para as finalidades para as quais foram projetadas. |
| 4 | É óbvio que dá para sobreviver sem celular, porém, excluídos digitalmente da sociedade. |
| 5 | Uma grande e triste realidade enfrentamos, as mudanças sociais para a virtualidade desde e-commerce, bancos online, noticiários, entretenimento, diversão, redes sociais, utilitários, etc. |
| 6 | O único meio que nos aproxima desse mundo social virtual é o celular. |
| 7 | Um telefone celular hoje tem tudo que uma pessoa precisa para fazer parte da sociedade digital. Nele encontramos câmera, tocador de música, filmadora, leitor de código de barra, sensor de luz e proximidade, bússula, GPS, calculadora, agenda, livros digitais, relógio-despertador, jogos, navegador de internet, redes sociais, que aos poucos estão ocupando o lugar dos encontros sociais pessoais. |

- 8 Para qualquer situação, e em qualquer mudança, encontramos pessoas que se opoem à tais situações.
- 9 Não acho estranho ter alguém contra o uso do celular, mas penso que é uma grande contradição trabalhar com tecnologia, numa era digital acelerada e ainda acha que celular é uma coisa desnecessária ou até, para outras, inútil.
- 10 Os desenvolvedores de tecnologia não esqueceram esse lado, quem não quer ser perturbado por alguma razão, existem várias opções para ter o sossego, sem deixar de usar ou ter um celular, podendo utilizar algumas funções, como colocar o celular no modo silêncio, ou usar a função bloquear chamadas não-desejadas.
- 11 O uso do celular é indispensável hoje para a comunicação, socialização, lazer, pagamentos e consultas, amizades.
- 12 Afinal, desde a revolução industrial, a máquina e aparelhos reduziram consideravelmente o esforço humano, tempo gasto nas tarefas. Não é por acaso que o celular está na lista da melhores invenções de século.

No parágrafo inicial, na qual o autor inicia a construção da sua argumentação por meio da sua opinião só é usado o verbo *ser* no presente do indicativo.

Na minha opinião, o celular é a melhor, mais marcante e importante invenção da modernidade.

No segundo parágrafo, a autora da carta explica que frequentemente se questiona, assim como os entrevistados na reportagem da tarefa, sobre a necessidade do uso do celular. Ela procura mostrar imparcialidade, colocando-se no lado contrário ao de sua opinião. Ela mantém o uso do presente, exceto para se referir à mudança por que passou o aparelho celular, usando, para isso, o aspecto terminativo perfectivo *deixou de ser*.

Faço sempre questão de refazer essa pergunta para ver se mudo de idéia mas sem sucesso, a permanece a mesma, o aparelho que, a principio, inventado para fazer e receber chamadas, deixou de ser um simples telefone móvel, adquirindo o posto de: “coisa que não posso viver sem”. E não é para menos! A nova geração chamada: telefones inteligentes, é capaz hoje de realizar múltiplas tarefas simultaneamente.

A argumentação do autor do texto está toda baseada na reflexão sobre o uso da tecnologia e usa o presente do indicativo para se referir à realidade dos avanços tecnológicos. Ele recorre ao pretérito perfeito para se referir à situações já concluídas no momento da fala, como no

segundo parágrafo, quando comenta sobre o aproveitamento das finalidades do celular, que *foram projetadas*.

O parágrafo 4 apresenta um contra-argumento à ideia do uso do celular, mas com uma ressalva.

É óbvio que dá para sobreviver sem celular, porém, excluídos digitalmente da sociedade.

No quinto parágrafo, também há um comentário sobre as mudanças que acompanham o avanço tecnológico e no sexto, a conclusão de que o celular é o único meio de se manter próximo ao mundo social virtual. Todos os verbos dos três parágrafos estão no presente do indicativo.

O texto 10 apresenta abundância no uso de substantivos, tais como as enumerações no quinto e no sétimo parágrafos. Isso porque o autor procura fazer uma descrição dos benefícios e aplicativos do aparelho celular. Por se tratar de uma descrição na qual há simultaneidade entre o momento da fala e o momento de referência, os verbos estão todos no presente.

A partir do oitavo parágrafo, o autor contrapõe, como fez no início do texto, sobre pessoas com opinião contrária ao uso do celular. Ele desenvolve esse contraponto no parágrafo seguinte, colocando-se contrária a esse ponto de vista.

No décimo parágrafo, ele procura convencer sobre seu ponto de vista, detalhando sobre como usar o celular e, ao mesmo tempo, não ser incomodado por ele. Ele exemplifica usando verbos no presente e verbos no infinitivo e no gerúndio, mantendo a predominância das formas nominais no texto.

Assim como nos parágrafos 5 e 7, no 11, o autor do texto utiliza a enumeração de substantivos, desta vez para justificar a necessidade do uso do celular.

No parágrafo final, o autor conclui, ressaltando os benefícios do desenvolvimento tecnológico desde a Revolução Industrial, usando um verbo no pretérito perfeito para falar do passado. Na frase final, os verbos *ser* e *estar* no presente do indicativo auxiliam na construção da afirmativa que conclui o texto e resume a opinião do autor.

TEXTO 10

Bom dia,

1 Eu lei os artigos, da semana passada, sobre na questão dos transgênic e decidi de responder aos questionamentos dos jornalistas porque ese assunto é muito importante para mim.

2 Por definição um alimento geneticamente modificado não é um alimento natural então eu não vejo como um produto não natural poderia ser melhor que um natural!

3 Eu acho que esse tipo de alimento modificado seja um grande risco para minha saúde.

4 Nos já vimos que quando os industriais traigaram de melhorar um produto, por exemplo, com o uso de agrotóxicos, é pior para a saúde.

5 Qual é o mais importante, a performancia do agronegócio ou a saúde?

6 Além disso, porque nos queiramos aumentar a produção quando tem já o problema de super produção no mundo inteiro.

7 O problema da fome no mundo não tem nenhuma relação com a produtividade, esse é um problema de repartição das riquezas no mundo.

8 Finalmente, os estudos já mostraram que a superprodução e o uso dos agrotóxicos são muito ruis pelo ambiente, porque fazer mais?

9 Então, nos não precisamos de aumentar a produtividade mas o contrário diminui-lo e fazer produtos de qualidade, sem agrotóxicos, sem modificação genética.

10 Eu desejo que um dia os industriais parem de falar coisas erradas só para vender e produzir mais e que o povo comence a contestar esses métodos e reclame produtos bons para a saúde e o ambiente e não para a receita dos agronegócios.

Obrigada pela atenção,
XXX XXXX

O texto 10, que responde à tarefa “Transgênicos”, atende bem à estrutura do gênero carta. No primeiro parágrafo, o autor faz referência ao artigo lido e deixa claro que está respondendo aos questionamentos dos jornalistas, de acordo com a exigência do enunciado da tarefa.

Eu lei os artigos, da semana passada, sobre na questão dos transgênic e decidei de responder aos questionamentos dos jornalistas porque ese assunto é muito importante para mim

Para essa introdução, o autor da carta do leitor usa verbos no pretérito perfeito, demonstrando que o ato de ler e de decidir remetem à situações concluídas no passado. No que diz respeito ao aspecto, já foi dito que o inceptivo se refere aos momentos iniciais de uma situação. Para termos uma situação no aspecto imperfectivo, na sua fase inceptiva, é necessário que haja uma perífrase de infinitivo ou gerúndio com verbos que tenham a carga semântica de uma situação inicial, tais como *começar*.

No segundo parágrafo há a definição de alimento genérico e o posicionamento do autor a respeito do assunto a partir disso. Ele define usando o presente do indicativo e se posiciona usando o verbo *ver* no presente do indicativo e depois uma perífrase com o verbo *poder* + *verbo no infinitivo* para estabelecer a ideia de comparação.

Por definição um alimento geneticamente modificado não é um alimento natural então eu não vejo como um produto não natural poderia ser melhor que um natural!

Na sequência, ela reitera seu ponto de vista, mas de forma afirmativa, usando o verbo *achar* no presente do indicativo e o verbo *ser* no presente do subjuntivo.

Eu acho que esse tipo de alimento modificado seja um grande risco para minha saúde.

No quarto parágrafo, a autora da carta aponta para um exemplo passado, o uso dos agrotóxicos, mostrando que o uso de produtos alterados prejudicam a saúde. Ela utiliza verbos no pretérito perfeito para narrar esse exemplo, mas faz uma pequena confusão com o que parece ser o verbo *trazer*, “*traigaram*”, que podemos deduzir pelo sentido como o verbo tentar ou tratar. Interessante observar que foi um erro lexical e não morfológico, pois ela acerta na hora de flexionar no pretérito perfeito do indicativo.

Nos já vimos que quando os industriais traigaram de melhorar um produto, por exemplo, com o uso de agrotóxicos, é pior para a saúde.

Como vimos nas cartas analisadas anteriormente, é comum os estudantes utilizarem perguntas para construir a argumentação. É o que ocorre no quinto parágrafo, no qual a autora propõe uma reflexão sobre o uso dos transgênicos. Ela usa o verbo *ser* no presente do indicativo para fazer a pergunta.

Qual é o mais importante, a performance do agronegócio ou a saúde?

No sexto parágrafo, para continuar com a reflexão, ela levanta outro aspecto, o da super produção de alimentos. Ela utiliza o verbo *querer* no presente do subjuntivo na construção da pergunta, quando deveria usar a forma composta do futuro do pretérito: *iríamos querer*, pois ele expressa uma situação de possibilidade no passado.

Além disso, porque nos queiramos aumentar a produção quando tem já o problema de super produção no mundo inteiro.

Em seguida o verbo *ter* no presente é usado para concluir a frase e se repete no parágrafo seguinte, quando a autora explica a questão levantada anteriormente.

O problema da fome no mundo não tem nenhuma relação com a produtividade, esse é um problema de repartição das riquezas no mundo.

No oitavo parágrafo há outra questão levantada, a partir da exposição sobre os estudos realizados que comprovam os prejuízos dos agrotóxicos ao meio ambiente. Ela usa o verbo *mostrar* no pretérito perfeito para exemplificar e o verbo *ser* no presente para falar do presente real.

Finalmente, os estudos já mostraram que a superprodução e o uso dos agrotóxicos são muito ruins pelo ambiente, porque fazer mais?

No parágrafo 9, a autora manifesta o que ela acredita ser a solução para o problema, usando a locução verbal e verbos no infinitivo. No último parágrafo, há a conclusão por meio da expressão dos desejos da estudante em relação ao tema. Ela abre o parágrafo com o verbo *desejar* no presente do indicativo, seguido da conjunção *que* e os verbos que se seguem ao longo do período estão todos subordinados a ele. Por estar expressando desejo, os verbos seguintes vêm todos no presente do subjuntivo.

Então, nos não precisamos de aumentar a produtividade mas o contrário diminui-lo e fazer produtos de qualidade, sem agrotóxicos, sem modificação genética.

Eu desejo que um dia os industriais parem de falar coisas erradas só para vender e produzir mais e que o povo comence a contestar esses métodos e reclame produtos bons para a saúde e o ambiente e não para a receita dos agronegócios.

No trecho anterior, a frase *eu desejo que* subordina três orações com verbos no subjuntivo. É interessante observar que o candidato conjugou adequadamente os três verbos, sendo dois deles construções perifrásticas e o terceiro simples. No caso do verbo *começar*, houve uma provável interferência de outra língua.

3.2 DISCUSSÃO

Primeiramente, observamos como se deu o uso do verbo na argumentação na composição das *cartas dos leitores* dos estudantes que colaboraram para o *corpus*.

Percebemos uma variedade na seleção dos tempos e modos dos verbos que os alunos usaram para compor a argumentação, que se deu por meio de narrações, levantamentos de hipóteses e questionamentos dirigidos ao leitor.

3.2.1 TEMPOS E MODOS VERBAIS

Dos tempos verbais, pudemos verificar que com o presente do indicativo, na maioria dos textos, como os textos 1, 4 e 7, quase não houve alterações de tempo e de modo. Finotti (2005) revela, em seu artigo no qual faz um levantamento sobre o predomínio dos tempos verbais na argumentação no gênero *carta do leitor*, que o presente do indicativo é o mais recorrente, e foi o que ficou bastante evidente também na nossa análise.

O presente do indicativo foi utilizado nos textos para expor a opinião do autor, como em:

Primeiro, acredito que cada um é livre de escolher usar ou não celular. (texto 2)

Em outros casos, o presente do indicativo foi usado para relatar um exemplo que o autor do texto quis ressaltar:

Outro exemplo você está perdido, sem o gps que você deixou para seu marido de manhã. Liga o celular e a “google map” resolve o problema em dois minutos para que você chegue na hora no seu compromisso. (texto 3)

Também houve textos nos quais o presente do indicativo foi usado para ressaltar qualidades do aparelho celular, na tentativa de convencer o leitor dos benefícios do aparelho:

Um telefone celular hoje tem tudo que uma pessoa precisa para fazer parte da sociedade digital. Nele encontramos câmera, tocador de música, filmadora, leitor de código de barra, sensor de luz e proximidade, bússula, GPS, calculadora, agenda, livros digitais, relógio-despertador, jogos, navegador de internet, redes sociais, que aos poucos estão ocupando o lugar dos encontros sociais pessoais. (texto 9)

O presente foi usado também para responder aos argumentos apresentados na reportagem da tarefa:

Ante tudo, para alguns cientistas, as pesquisas não são suficientes para dizer francamente se sim ou não essas espécies trazem risco. (texto 6)

Outra forma de argumentação utilizada por meio do presente do indicativo foram as comparações:

Pois não, temos que admitir que o uso de celular ~~nos~~ casos de emergências representa uma porcentagem fraco em comparação ao uso cotidiano, mas é importante sublinhar este aspeto. (texto 8)

De acordo com Finotti, os resultados da sua pesquisa atestaram que:

o emprego de alguns tempos verbais, principalmente o presente do Indicativo, pode funcionar argumentativamente tanto nos editoriais quanto nas cartas ao leitor, comprovando, assim, a teoria de Weinrich acerca da atitude comunicativa do mundo comentado e, ainda, a pertinência do agrupamento do argumentar, conforme Dolz & Schneuwly, tendo na sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição sua capacidade de linguagem dominante. (FINOTTI, 2008, p. 1766)

A pesquisa de Finotti foi realizada a partir da análise de textos de falantes nativos de língua portuguesa. Podemos perceber que os estudantes que compuseram o nosso *corpus* produziram textos cujos resultados em relação aos tempos verbais são semelhantes aos dos nativos, no que diz respeito, especificamente, ao presente do indicativo.

Os verbos no presente evidenciam que esse texto faz parte do mundo comentado, uma vez que a carta do leitor exigida na tarefa é um gênero argumentativo no qual o autor/locutor tenta convencer o leitor/interlocutor de seu ponto de vista.

Quanto aos tempos do passado, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito, ocorreram em trechos narrativos, pois estão entre o grupo de tempos do mundo narrado.

Meu pai faleceu quando eu tinha 3 anos por causa de câncer. Possivelmente não foi contaminado pelos alimentos. Porém não sei qual que causou morte do meu pai. Ele morreu com 40 e poucos anos... (texto 5)

Por fim, gostaria de trazer a nossa memória uma das histórias mais marcantes que eu lembro relacionada ao uso de celular: aquelas ligações que passageiros dos aviões que foram usados nos ataques de 11 de setembro 2001 fizeram a suas família e amigos ante a certeza de que a morte estava muito próxima. Através daqueles aparelhos se comunicaram pela

última vez com as pessoas amadas, ouviram a voz daqueles que nunca mais iriam a abraçar.
(texto 2)

O pretérito perfeito também foi utilizado para fazer referências a momentos de anterioridade em relação ao presente:

Eu lei os artigos, da semana passada, sobre na questão dos transgênicos e decidei de responder aos questionamentos dos jornalistas porque esse assunto é muito importante para mim. (texto 10)

E o imperfeito para narrar situações imperfeitas, com duração no passado:

Sim você lembra faz muitos anos as pessoas não tenhiam celular e a única maneira de estar em contato era por correio, isso era muito lento, também podiam estar em contato por o telefone de casa, mais não todas as famílias tenhiam telefone. (texto3)

Quanto aos tempos do futuro, foram menos frequentes, exceto pelo futuro do pretérito, que foi usado para designar diversos sentidos. Mas primeiro analisemos em quais contextos foi usado o futuro do presente. Interessante observarmos que duas perífrases de futuro com o verbo *ir* + infinitivo foram usadas em frases que expressam uma condição. A conjunção condicional *se* inicia o trecho nas duas sentenças e depois dela há um verbo no subjuntivo.

Se você souber disso, para que você vai pagar menos e riscar sua vida? (texto 5)

Se o grande terremoto acontecesse, o celular vai substituir GPS e também nos podemos procurar uma família. (texto 6)

Outra observação interessante é que os autores dessas duas orações são os falantes de japonês, que realizaram as tarefas em escolas diferentes, sem que um conhecesse o outro. Nos dois casos, a perífrase de futuro está na oração principal das frases, as duas designando uma condição. No entanto, a segunda frase em que o autor fala sobre o terremoto, o imperfeito do subjuntivo expressa uma hipótese não realizável no passado. Segundo Castilho (2012, p. 435), o imperfeito do subjuntivo expressa uma “uma anterioridade problemática” de incerteza, probabilidade e possibilidade.

O futuro do presente simples ocorreu em argumentos formulados a partir de perguntas:

Quantas mães trabalham mais tranquilas ao poder ligar aos seus filhos, os quais só chegarão a ver no fim do dia? (texto 2)

Expressa também a posição do autor sobre o tema de forma assertiva:

Dessa maneira, tanto quanto tiver dúvidas, eu sempre será a favor de impedir os transgênicos. (texto 6)

O futuro do pretérito foi bastante utilizado em diferentes formas de construção da argumentação. Foi usado como condicional, quando o autor levantava uma cena hipotética para despertar a reflexão do leitor:

Negar a utilidade do telemóvel seria como não aceitar o desenvolvimento economico e social das sociedades. (texto 8)

Com faria sem celular? Com certeza perde um tempo precioso. (texto 3)

Nas frases em que o autor do texto procurou mostra sua opinião de modo reservado, como apontado em Castilho (2012), também foi o usado o futuro do pretérito.

Eu gostaria de aproveitar minha vida, então para que eu vou aceitar esses produtos?(texto 5)

Hoje, o celular poderia estar compartado a uma ferramenta social que ajudasse ficar em adequação com seu meio ambiente. (texto 8)

No que diz respeito aos tempos, o presente do indicativo foi o mais recorrente e que mais foi usado em diferentes estratégias argumentativas. Segundo Finotti (2008), as questões aspectuais do presente do indicativo, apontadas por Travaglia (1991), revelam a força argumentativa do texto. De acordo com o autor:

Embora Weinrich desconsidere as questões aspectuais dos verbos, acreditamos em seu papel na organização das situações no interior do texto, seja como forma de marcar um conceito ou argumento ou especificação. É o que constata Travaglia (1991, p. 273), ao estudar o comportamento textual-discursivo do verbo em português. Para ele, a predominância do presente do Indicativo em dissertações no presente ocorre, *porque com ele tem-se os aspectos imperfeito, começado, cursivo e indeterminado ou habitual, o tempo presente com valor onitemporal, a modalidade da certeza.* Ou seja, é por meio do emprego do presente do Indicativo e sua característica aspectual de assertividade que o autor consegue revelar a força argumentativa de seu texto.

Indicamos na análise diferentes noções aspectuais ligadas ao presente do indicativo, entre elas a de imperfectividade, como em:

Moramos numas sociedades modernas que mudam rapidamente e pedem nas pessoas adaptar-se. (texto 1)

A noção de iteratividade do presente do indicativo foi observada no trecho a seguir, nas perguntas:

Quantas mães trabalham mais tranquilas ao poder ligar aos seus filhos, os quais só chegarão a ver no fim do dia? Quantas vezes o celular ajudou a matar as saudades criada pelas longas distancias entre pessoas que se amam? (texto 2)

O aspecto perfectivo foi expresso por meio do pretérito perfeito:

Li com muita atenção a reportagem 'Eles odeiam celular' publicado há pouco na sua revista e gostaria de fazer alguns comentários. (texto 2).

Os textos analisados que apresentaram maior variação de verbos, tanto no âmbito lexical quanto nas escolhas de modo e tempo, mostraram uma capacidade de argumentação mais ampla, variando nos usos dos tipos textuais dentro do gênero *carta do leitor*.

Os textos que apresentaram o tipo narrativo para argumentar mostraram a capacidade do estudante de utilizar os tempos do passado, diferenciando o pretérito perfeito do pretérito perfeito do indicativo.

Os textos que trabalharam situações hipotéticas na sua argumentação mostraram capacidade de usar o modo subjuntivo e do futuro do pretérito.

Enfim, observamos que os estudantes utilizaram as seguintes estratégias para argumentar:

- exposição da opinião – utilizando o presente do indicativo;
- perguntas – utilizando o presente do indicativo ou o futuro do pretérito;
- levantamento de situações hipotéticas – utilizando tempos do subjuntivo ou futuro do pretérito;

- narração de um fato – utilizando os tempos do passado para acontecimentos passados e, em menor número, do presente, quando o momento da fala coincide com o momento de referência.

É importante ressaltar que as cartas, embora apresentem erros variados de língua portuguesa, cumpriram o propósito de argumentar em defesa do ponto de vista do autor. As interferências das línguas maternas na escrita das cartas poucas vezes interferiram na compreensão do sentido. Os alunos usaram os verbos dos grupos do mundo narrado e comentado nos contextos propostos por Weinrich (1974).

Assim como os resultados da pesquisa de Finotti (2008) com falantes nativos de português, os estrangeiros usaram o presente do indicativo como tempo predominante em algumas cartas. O que mostra compreensão do propósito comunicativo exigido nas tarefas do Celpe-Bras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos em nosso trabalho que uma maior variedade no uso dos verbos favorece a realização das tarefas solicitadas, levando em conta a capacidade argumentativa expressa pelos estudantes de língua portuguesa. Por isso procuramos ver como se deu o processo de escolha das categorias verbais de tempo, modo e aspecto nas produções textuais do gênero *carta do leitor* nas tarefas do CELPE-Bras para observar sua relação com a construção da argumentação.

Partimos do pressuposto de que o verbo é uma categoria gramatical que desempenha um papel fundamental na construção discursiva do texto, através das suas categorias que expressam: o modo verbal (indicativo ou subjuntivo), o tempo verbal (pretérito, presente ou futuro), e o aspecto (perfectivo ou imperfectivo).

Para analisar as produções textuais das tarefas do Exame Oficial Brasileiro de Proficiência em Língua Portuguesa (Celpe-Bras), usamos o método da análise baseado em Vargas (2011), que demonstra como as categorias de tempo e de aspecto do verbo ajudam na produção de sentido. De acordo com a autora, um de seus pressupostos é que o estudo das categorias de tempo e de aspecto, tendo como base sua dimensão semântico-discursiva, pode ajudar o aluno a desenvolver a competência linguística e a compreender e saber utilizar os mecanismos disponíveis na língua para criar sentido. A autora ressalta que as formas verbais “podem denotar as mais variadas intenções de quem as utiliza: tornar os efeitos mais reais, prolongá-los no tempo, promover uma visão ‘espacial’ dos acontecimentos, enfim, persuadir, convencer, influenciar” o seu interlocutor. A autora toma como base o modelo de Weinrich sobre os grupos de verbo divididos entre o mundo narrado e o mundo comentado.

A necessidade argumentativa que exigiu dos alunos um grau de complexidade na transmissão das ideias para o texto, tanto nas estruturas gramaticais, quanto na variedade lexical. Os textos analisados que apresentaram maior variação de verbos, tanto no âmbito lexical quanto nas escolhas de modo e tempo, mostraram uma capacidade de argumentação mais ampla, variando nos usos dos tipos textuais dentro do gênero *carta do leitor*. Os candidatos que usaram vários tempos e modos, puderam, no mesmo texto elaborar questões, levantar hipóteses, narrar, etc (como no texto 2).

Como já observamos na análise, o uso do presente do indicativo é considerado por Costa (2005) um dos critérios observados na *carta do leitor*. Isso porque este gênero apresenta um caráter dialógico, conforme apontado por Gritti (2010).

Os textos que apresentaram o tipo narrativo para argumentar mostraram a capacidade do estudante de utilizar os tempos do passado, diferenciando o pretérito perfeito do pretérito imperfeito do indicativo. Os textos que trabalharam situações hipotéticas na sua argumentação mostraram capacidade de usar o modo subjuntivo. Quando os autores das cartas buscaram mostrar uma opinião de modo reservado, usaram o futuro do pretérito. Este tempo também foi usado em orações condicionais.

Essas são questões que podem dar base para outras pesquisas com interesse em ensino de português para estrangeiros ou sobre as relações entre os verbos e os gêneros textuais. Os professores de cursos de português para estrangeiros podem abordar mais a questão do uso dos verbos com seus alunos, levantando estratégias argumentativas e o uso dos verbos em cada caso.

É importante frisar que o Celpe-Bras é um exame que busca avaliar a capacidade de comunicação dos candidatos nas situações do dia-a-dia e que a capacidade de argumentação não se restringe a um ou outro gênero textual, mas à expressão de um ponto de vista em infinitas situações. Portanto, quando um candidato se prepara para a prova, deve estar focado na capacidade de se comunicar e não apenas na produção de um ou outro gênero textual.

Parte desse processo passa pelo aprendizado dos usos do tempo e do modo verbal. Ainda que não seja ensinado separadamente, o aluno pode aprender a usar as nuances do aspecto por meio da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEAUGRANDE, Robert. –A de & DRESSLER, Wolfgang. **Introduction to Text Linguistics**. London: Longman, 1981.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Por que cartas de leitor na sala de aula*. In: DIONÍSIO, Angela; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. pp. 208-216.
- BRASIL. **Manual do examinando do Celpe-Bras**. Brasília: 2012. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/manual/2012/manual_examinando_celpe_bras.pdf > Último acesso: 17/03/2013.
- BRASIL (Página do Governo Federal): <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/11/10/economia-brasileira-atrai-estrangeiros-e-imigracao-aumenta-50-em-seis-meses> (Acesso em 23/09/2012).
- CARVALHO, Simone Carvalho; SCHLATTER, Margarete. *Ações de difusão internacional da língua portuguesa*. In **Cadernos do IL** (UFRGS), 2011.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- GOMES COSTA, Solange Garrido. **SOLETRAS**. *Cartas de leitores: gênero discursivo porta-voz de queixa, crítica e denúncia no jornal O DIA*. Ano V, Nº 10. São Gonçalo: UERJ, jul./dez 2005.
- CUNHA, C. & L. CINTRA. **Breve Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FINOTTI, Luisa Helena Borges. *A força argumentativa do emprego de alguns tempos verbais em editoriais e cartas ao leitor*. In: MAGALHAES, J.S.; TRAVAGLIA, L. C.. (Org.). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008, v. 1, p. 1757-1767.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação – As categorias de Pessoa, Espaço e tempo**. 2.ed. São Paulo : Ática, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 1997.

ITAMARATY: <http://dc.itamaraty.gov.br/lingua-e-literatura/leitorados> (acessado pela última vez em 05/11/2013).

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MACHADO, Tania Regina Martins. *A articulação entre texto e imagem para a constituição de sentidos no Celpe-Bras*. **Expressão** (Santa Maria), v. 1, 2009.

_____. *O CELPE-BRAS e outras políticas linguísticas brasileiras pela promoção do Português do Brasil*. **Revista Fólio**, v. 2, 2010.

_____. *O lugar do Celpe-Bras na história das ideias linguísticas do Brasil*. IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, **Anais** v. 1, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora. (Org.) **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDEIROS, Aline. *Carta do Leitor*. In (Org.) DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Nos domínios dos Gêneros textuais** v.2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12276&Itemid=531. Acesso em 23/10/2012

<http://portal.mte.gov.br/imprensa/autorizacoes-de-trabalho-para-estrangeiro-crescem-31-no-primeiro-trimestre.htm>. Acesso em 23/09/2012

SALUM, Maria Elizabeth Leuba. **Morfologia do verbo português em obras de referência**. 2007. Tese (Doutoramento em Filologia e Língua Portuguesa) – FFLCH-USP, São Paulo, 2007.

SCARAMUCCI, Matilde V. Ricardi. *Celpe-Bras: um exame comunicativo*. In: CUNHA, Maria Jandyra, SANTOS, Percília (Org.). **Ensino e pesquisa em português para estrangeiros**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. *O professor avaliador: sobre a importância da avaliação na formação do professor de língua estrangeira*. In: ROTTAVA, L. (Org.). **Ensino-aprendizagem de língua: língua estrangeira**. Ijuí: Ed. da UNIJUI, 2007. p. 49 - 64.

SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro Moraes; SCARAMUCCI, Matilde Virginia Ricardi. *O papel da interação na pesquisa sobre aquisição e uso de língua estrangeira: implicações para o ensino e a avaliação*. In **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n.3, 2004.

SCHOFFEN, Juliana Roquele. **Gêneros do discurso e parâmetros de avaliação de proficiência em português como língua estrangeira no exame Celpe-Bras**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Vera L. Paredes. *Variações tipológicas no gênero textual carta*, in: KOCH, Ingedore V. e BARROS, K. S. M. (Orgs.). **Tópicos em linguística de texto e análise da conversação**. Natal: EDURFN. p. 118-124, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1981.

_____. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão verbal**. Uberlândia: EDUFU, 2006

_____. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Tese de doutorado em linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

VARGAS, Maria Valéria. **Verbos e práticas discursivas**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

WEINRICH, H. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. Trad. F. Latorre.
Madrid. Gredos, 1974.

ANEXOS

ANEXO 1: TEXTO DA TAREFA II DE LEITURA APLICADA NO CELPE-BRAS (2008/1)

Tarefa IV - TELEFONE CELULAR

Você é uma pessoa que não vive sem celular. A partir da leitura da reportagem "Eles odeiam CELULAR", da revista ISTO É, escreva um texto para ser publicado na seção cartas do leitor da mesma revista, questionando os argumentos apresentados e posicionando-se favoravelmente ao uso do telefone celular.

Eles odeiam **CELULAR**

Apesar dos três bilhões de aparelhos no mundo, há quem resista à telefonia móvel



PIÁDA, Tira do cartunista Laerte, que não gosta de celulares

A última pesquisa sobre o número de usuários de celulares mostra que um em cada dois indivíduos do planeta tem celular. Segundo a consultoria americana *The Mobile World*, existem no mundo três bilhões de aparelhos celulares. Mas essa aparente e moderna unanimidade de que é imprescindível possuir um celular nos dias de hoje não é aceita por todo mundo. Há ainda muitas pessoas que optam por não possuir um telefone móvel e não acham impossível viver sem ele. O cineasta Fernando Meirelles, um detrator do telefone móvel, diz que é papo de marqueteiro a história de que o celular aproxima as pessoas. Para ele, o telefone é uma espécie de "fast-food" do relacionamento humano. Ser encontrado em qualquer lugar e a qualquer momento

é outra razão que espanta potenciais usuários de celular. "São invasivos", diz a pesquisadora Inar Alves de Castro, do Departamento de Nutrição Experimental, da USP, que prefere ficar de fora do time dos 113 milhões de brasileiros que já compraram o seu aparelho móvel. "Trabalho com tecnologia, adoro, mas não uso celular nem sinto falta". Ela conta que tem amigos que ameaçam lhe dar um de presente. E essa é uma chateação comum de quem não tem o aparelho: ter de explicar às pessoas incrédulas por que não possuem um. "Uma das melhores coisas que existem é andar pela rua sem ser achado. E agora as pessoas carregam esse grilo falante. É um horror", diz Caetano Veloso, mais um ilustre do time dos que odeiam celular.

N.R.

FAST-FOOD

O cineasta Fernando Meirelles tem certeza que 80% das ligações ditas urgentes poderiam esperar



GRILLO FALANTE

Caetano Veloso não quer ser achado e acha que perturba os momentos a sós



O DO VIZINHO

A atriz Vera Fischer não gosta, não usa e se acontece uma urgência empresta de um amigo



ANEXO 2: TEXTO DA TAREFA I DE LEITURA APLICADA NO CELPE-BRAS (2008/2)

Parte Coletiva

Tarefa
IV

TRANSGÊNICOS

Você é leitor da revista eletrônica *Com Ciência*, interessado na questão dos transgênicos, e decidiu responder aos questionamentos dos jornalistas Luisa Massarani e Ildeu de Castro Moreira. A partir das informações e argumentos apresentados nos textos "Os transgênicos rondam a sua cozinha" e "Transgênicos: você é contra ou a favor?", escreva uma carta para a revista, expondo sua opinião sobre o assunto.



Os transgênicos rondam a sua cozinha

Luisa Massarani e Ildeu de Castro Moreira

Em março, após um aquecido debate no Congresso Nacional, um projeto de lei que permite a comercialização de alimentos geneticamente modificados no Brasil foi aprovado por uma comissão especial dedicada a analisar o tema. Para se transformar em lei, o projeto ainda precisa passar pela Câmara de Deputados e pelo Senado, sendo depois ratificado pelo presidente da República. [...]

Independentemente disso, o seu prato já pode conter alimentos geneticamente modificados: segundo o *Greenpeace* e o Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), desde o ano 2000 já estaria havendo a venda ilegal destes produtos no mercado brasileiro. E denúncias de plantações com sementes transgênicas estão cada vez mais frequentes, em particular, no sul do país.

E você, leitor, o que pensa desses alimentos? Seriam eles *frank(enstein)food*, com riscos potenciais para sua saúde? Ou a transgenia seria uma forma de obter maior produtividade e alimentos de melhor qualidade que ajudaria a minimizar o problema da fome no mundo? [...]

Internet: <www.comciencia.br> atualizado em 9/5/2002. Acesso em 12/3/2008.

Transgênicos: você é contra ou a favor?



Transgênico (organismo geneticamente modificado) é planta que recebeu genes de outra espécie através da biotecnologia. No milho, inseriram um gene que o tornou resistente a pragas. A transgenia gera polêmica mundial.

A favor

- Aumenta a produtividade, diminui os custos de produção, deixa a planta mais resistente, reduz o uso de agrotóxicos.
- A maioria das empresas de agrotóxicos não trabalha com transgenia; elas podem estar por trás das campanhas contra.
- O material apresentado pelas ONGs contrárias à transgenia não passa de pseudociência.
- Permite frutas maduras por mais tempo e plantas que funcionam como vacinas.

Contra

- Os estudos são insuficientes para provar que essas espécies não trazem risco à saúde e ao ambiente.
- Membros da Comissão Técnica de Biotecnologia, que aprova ou não transgênicos, são financiados por empresas de transgenia.
- O uso acabará com espécies nativas e com a agricultura familiar.
- A semente do transgênico é estéril, e o agricultor fica à mercê das empresas multinacionais.

ANEXO 3: TEXTOS DO CORPUS

Texto 1

- 1 O celular é um avance na comunicação, e com isso nos tenemos mais contato com a família e com amigos que estão longe. Avançar é melhorar e o celular é muito bom em nossas vidas.
- 2 Fernando Meirelles diz que o telefone é uma especie de “Fast Food” de relacionamento humano. Mas este é incrível, na sociedade que a gente mora podemos ter contato con otras pessoas de muitas formas, uma de elas é com o celular. Em quanto uma pessoa da a otra seu numero de celular já estão conectadas. Sim você lembra faz muitos anos as pessoas não tenham celular e a unica maneira de estar em contato era por correio, isso era muito lento, tambem podiam estar em contato por o telefone de casa, mais não tudas as familias tenham telefone. No texto tambem falan que os celulares são invasivos, mas eu acho que não é assim porque você pode desligar o silenciar seu celular, sim você não quer que perturbe seus momentos a sós. Porisso eu acho que o celular é muito util. Além você pode ter trabalhos obrigada o celular porque esta com você a otra pessoa quer ter um encontro para fazer uma entrevista. E não podemos esquecer que o celular é imprencindivel quando a gente tem uma emergencia.
- 3 Em conclusão o celular é só um aparelho que você usa quando você precisa. Você é uma pessoa humana e você liga e desliga o celular quando você quer. Além disso o celular é um avanço tecnologico muita legal e você pode experimentar muitas aplicações do celular com ter musica, camera de fotos, jogos entre otras coisas.

Texto 2

- 1 Prezado senhor diretor Revista ‘Isto é’:
- 2 Li com muita atenção a reportagem ‘Eles odeiam celular’ publicado há pouco na sua revista e gostaria de fazer alguns comentários.
- 3 Primeiro, acredito que cada um é livre de escolher usar ou não celular. Muitos de

nós, vivimos parte importante de nossas vidas sem aquela tecnologia e por tanto, sabemos que a vida é possível sem celulares. Além disso, quantas pessoas no mundo não tem acesso à telefonia móvel, especialmente no chamado terceiro mundo?

4 Segundo, acho que os celular nas nossas megalópolis se aproximam às pessoas, especialmente à família e amigos. Quantas mães trabalham mais tranquilas ao poder ligar aos seus filhos, os quais só chegarão a ver no fim do dia? Quantas vezes o celular ajudou a matar as saudades criada pelas longas distancias entre pessoas que se amam?

5 Por fim, gostaria de trazer a nossa memória uma das histórias mais marcantes que eu lembro relacionada ao usode celular: aquelas ligações que passageiros dos aviões que foram usados nos ataques de 11 de septembro 2010 fizeram a suas família e amigos ante a certeza de ue a morte estava muito próxima. Através daqueles aparelhos se comunicaram pela última vez com as pessoas amadas, ouviram a voz daqueles que nunca mais iriam a abraçar.

6 Uma comunicação instantânea, breve, absurdamente trágica mas que permitiu dizer o último adeus.

7 Atenciosamente,
XXXX XXXX

Texto 3

1 Quero comentar sobre o artigo “eles odiam celular” publicado na edição de isto E d janeiro.

2 Pessoalmente, eu acho celular uma ferramenta na corrida do dia dia.

3 Imagina que você esteja fazendo comprar, mas você esqueceu sua carteira. Liga rapidamente para sua casa ou amigos e em dez minutos o problema sera resolvido.

4 Com faria sem celular? Com certeza perde um tempo precioso.

5 Outro exemplo você esta perdido, sem o gps que você deixou para seu marido de manha. Liga o celular e a “google map” resolve o problema em dois minutos para que você chegue na hora no seu compromisso.

6 No dia dia tem centos e mais exemplos de utilidade dum celular. Agora para responder as pessõas que achem que o celular perturbe a tranquilidade da vida, quero dizer que eles não sabem

gerenciar um telefone. Enquanto eu estou ocupada, com amigos, passeando ou de férias meu telefone sempre fica desligado o em modo silencioso e não me incomoda nos momentos em que não quero ser incomodada.

- 7 Todo mundo tem um computador, não é? E ninguém leva-o quando não precisa-lo! Porque não poderia ser o mesmo com um telefone?

Texto 4

- 1 Por que três bilhões de aparelhos são usados no mundo? Porque o celular é muito útil for muitas pessoas. Acho que tem três razões seguinte.
- 2 1. Para economizar o tempo.
- 3 Nos podemos usar o celular em qualquer lugar e a qualquer momento. Especialmente é importante quando nos usamos o no trabalho. Nos somos ajudados pelo celular.
- 4 2. O uso é não só ligação
- 5 Hoje em dia, nos usamos o celular não só ligação mas também outros objetivos.
- 6 Segundo a última pesquisa, o uso de e-mail é mais aumentado do que o uso de ligação.
- 7 Além disso, o celular pode usar for a câmera, internet e ouvir música.
- 8 3. Em caso de emergência.
- 9 Quando nos acontecemos algum acidente sem amigo, nos podemos chamar a policia ou a ambulância.
- 10 Se o grande terremoto acontecesse, o celular vai substituir GPS e também nos podemos procular uma família

Texto 5

Caros Luisa e Ildeu,

- 1 Respondendo as perguntas, eu não compraria esses produtos porque acredito que faz mal para minha saúde.
- 2 Talvez ajudaria a melhoria na qualidade e a situação de fome. Porém, eu sou contra. Porque nós não sabemos o risco que vamos correr no nosso corpo e à terra. Dizen que esses produtos vão trazer problema como câncer. Se você souber disso, para que você vai pagar menos e riscar sua vida?
- 3 Meu pai faleceu quando eu tinha 3 anos por causa de câncer. Possivelmente não foi contaminado pelos alimentos. Porem não sei qual que causou morte do meu pai. Ele morreu com 40 e poucos anos... Eu gostaria de aproveitar minha vida, então para que eu vou aceitar esses produtos? Quem quiser compra-los. Mas os produtores precisam respeitar nosso ambiente para não destruir nosso mundo!!!

Texto 6

	Prezada Luisa Massarani, Prezado Ildeu de Castro Moreira
1	O mundo <u>está</u> frente a uma situação preocupante: a invasão dos transgênicos.
2	Para mim, se o projeto <u>fosse</u> ratificado, <u>seria</u> um problema grave para nossa geração e as outras futuras!
3	Ante tudo, para alguns cientistas, as pesquisas não <u>são</u> suficientes para dizer francamente se sim ou não essas espécies <u>trazem</u> risco. Dessa maneira, tanto quanto <u>tiver</u> dúvidas, eu sempre <u>será</u> a favor de impedir os transgênicos.
4	Além disso, <u>temos</u> em geral e especialmente no Brasil uma natureza generosa. É importante de <u>respeitá-la</u> !
5	<u>Seria</u> muito perigoso de <u>modificar</u> essa fauna e flora com genes de outras espécies porque ninguém <u>pode</u> <u>adivinar</u> e <u>prever</u> o poder da Dama Natura, a vingança dos elementos naturais e a resposta do Meio Ambiente.
6	Por outra parte, as empresas de transgenia <u>são</u> o pior do que a agricultura há! Existem lobbys super poderosos que <u>manipulam</u> e <u>financiam</u> membros da comissão técnica de biotecnologia. <u>Desejo</u> que essas empresas <u>saiam</u> do paisagem e <u>deixem</u> o povo e as instuições cair fora das presões e das ditaduras ambientais.
7	Por fim, me <u>lembro</u> de um filósofo francês chamado Voltaire dizer: “cada um deve fazer seu próprio jardim” (Candide). Uma maneira literaria de <u>dizer</u> que toda atitude contra-natura <u>impede</u> os desarrollo pessoal. Toda forma de crescimento físico ou intelectual <u>deve ser feito</u> por um pensamento rezoácel, e com elementos naturais.
	Obrigada, Atenciosamente, Xxxx

Texto 7

1	Numa última edição <u>li</u> a reportage “Eles odeiam celular” e <u>ficei surpeendido</u> pela ignorância de algumas pessoas.
2	Eu <u>utilizo</u> meu celular para <u>falar</u> com meus amigos e amigas que <u>estão</u> aqui no Brasil ou também longe daqui. <u>É</u> certo que o móvil <u>ajuda</u> de <u>ficar</u> em contato e tão nos <u>aproxima</u> .
3	<u>Tem</u> pessoas que não <u>podem</u> ou não <u>sabem</u> como que <u>lidar</u> com o desenvolvimento tecnológico, mas <u>acho</u> que <u>ignora-lo é</u> (<u>seja</u>) a resposta falsa
4	Sobetudo a comparação com fast-food não <u>gosto</u> . Só porque <u>estão falando</u> em meu celular não <u>significa</u> que a relação com a pessoa a outra lado não <u>é</u> boa ou saudável.
5	O ejemplo de Vera Fischer <u>mostra</u> que hoje em dia <u>é</u> necessário <u>possuir</u> um celular. Ou que <u>seja</u> a razão que suas amigas <u>querem dar</u> um a ela móvil como presente?
6	Por isso, gente! <u>Compra</u> um móvil e <u>abre-se</u> por o mundo moderno. Se não <u>querem</u> <u>ovir</u> o celular <u>tocando</u> , <u>tem</u> uma função que <u>chama</u> “silêncio”. Assim, só <u>ligam</u> às amigos cuando vocês <u>queram</u> .

Texto 8

- 1 Para além do fato que o celular represente um mercado economico lucrativo, sua utilização preenche mesmo assim um papél social.
- 2 Moramos numas sociedades modernas que mudam rapidamente e pedem nas pessoas adaptar-se.
- 3 Negar a utilidade do telemóvel seria como não aceitar o desenvolvimento economico e social das sociedades.
- 4 Hoje, o celular poderia estar compartilhado a uma ferramenta social que ajudasse ficar em adequação com seu meio ambiente.
- 5 Além desses aspetos sociais o celular permite mesmo assim responder – nas emergencias que aconteçam. Quantas pessoas foram salvas graças ao uso do celular?
- 6 Pois não, temos que admitir que o uso de celular nos casos de emergencias representa uma percentagem fraco em comparação ao uso cotidiano, mas é importante sublinhar este aspeto.
- 7 Mais além, oferece a possibilidade aos utentes de ficar em contato numa sociedade de mobilidade.
- 8 Permite às pessoas de viajar ou mudar longe da sua familia sem estar com medo de romper o vinculo social, têm assim a possibilidade de ficar em contato cotidianamente.
- 9 Em fim para responder ao argumento segundo o qual o celular não permita ficar as veces desligado do resto do mundo (o que eu admito é necessario para cada um!), eu avisaria os refractarios que exista uma tecla que permita desligar o aparelho quando alguém quiser!
- 10 Então, é um argumento errado, dizer que o celular deixe os utentes escravos, acho que for mais certo dizer que dependa de cada um ser escravo ou não!
- 11 Para concluir, seria moderado, admitir que o celular tem uma utilidade social inégavel, mas cómo tudo, precisa estar usado com um pouco de moderação!

Texto 9

- 1 Na minha opinião, o celular é a melhor, mais marcante e importante invenção da modernidade.
- 2 Faço sempre questão de refazer essa pergunta para ver se mudo de idéia mas sem sucesso, a permanece a mesma, o aparelho que, a principio, inventado para fazer e receber chamadas, deixou de ser um simples telefone móvel, adquirindo o posto de: “coisa que não posso viver sem”. E não é para menos! A nova geração chamada: telefones inteligentes, é capaz hoje de realizar múltiplas tarefas simultaneamente.

- 3 É inaceitável negar que vivemos nos dias de hoje uma notável revolução tecnológica à nível global, onde é praticamente impossível não acompanhar esse ritmo ultra-acelerado do surgimento de novas tecnologias e aparelhos que ganham cada vez mais potências e opções que na maioria dos casos não são todas aproveitadas para as finalidades para as quais foram projetadas.
- 4 É óbvio que dá para sobreviver sem celular, porém, excluídos digitalmente da sociedade.
- 5 Uma grande e triste realidade enfrentamos, as mudanças sociais para a virtualidade desde e-commerce, bancos online, noticiários, entretenimento, diversão, redes sociais, utilitários, etc.
- 6 O único meio que nos aproxima desse mundo social virtual é o celular.
- 7 Um telefone celular hoje tem tudo que uma pessoa precisa para fazer parte da sociedade digital. Nele encontramos câmera, tocador de música, filmadora, leitor de código de barra, sensor de luz e proximidade, bússula, GPS, calculadora, agenda, livros digitais, relógio-despertador, jogos, navegador de internet, redes sociais, que aos poucos estão ocupando o lugar dos encontros sociais pessoais.
- 8 Para qualquer situação, e em qualquer mudança, encontramos pessoas que se opõem à tais situações.
- 9 Não acho estranho ter alguém contra o uso do celular, mas penso que é uma grande contradição trabalhar com tecnologia, numa era digital acelerada e ainda acha que celular é uma coisa desnecessária ou até, para outras, inútil.
- 10 Os desenvolvedores de tecnologia não esqueceram esse lado, quem não quer ser perturbado por alguma razão, existem várias opções para ter o sossego, sem deixar de usar ou ter um celular, podendo utilizar algumas funções, como colocar o celular no modo silêncio, ou usar a função bloquear chamadas não-desejadas.
- 11 O uso do celular é indispensável hoje para a comunicação, socialização, lazer, pagamentos e consultas, amizades.
- 12 Afinal, desde a revolução industrial, a máquina e aparelhos reduziram consideravelmente o esforço humano, tempo gasto nas tarefas. Não é por acaso que o celular está na lista da melhores invenções de século.

Texto 10

- Bom dia,
- 1 Eu lei os artigos, da semana passada, sobre na questão dos transgênicos e decidei de responder aos questionamentos dos jornalistas porque esse assunto é muito importante para mim.
- 2 Por definição um alimento geneticamente modificado não é um alimento natural então eu não vejo como um produto não natural poderia ser melhor que um natural!
- 3 Eu acho que esse tipo de alimento modificado seja um grande risco para minha saúde.

- 4 Nos já vimos que quando os industriais traigaram de melhorar um produto, por exemplo, com o uso de agrotóxicos, é pior para a saúde.
- 5 Qual é o mais importante, a performance do agronegócio ou a saúde?
- 6 Além disso, porque nos queiramos aumentar a produção quando tem já o problema de super produção no mundo inteiro.
- 7 O problema da fome no mundo não tem nenhuma relação com a produtividade, esse é um problema de repartição das riquezas no mundo.
- 8 Finalmente, os estudos já mostraram que a superprodução e o uso dos agrotóxicos são muito ruins pelo ambiente, porque fazer mais?
- 9 Então, nos não precisamos de aumentar a produtividade mas o contrário diminui-lo e fazer produtos de qualidade, sem agrotóxicos, sem modificação genética.
- 10 Eu desejo que um dia os industriais parem de falar coisas erradas só para vender e produzir mais e que o povo comece a contestar esses métodos e reclame produtos bons para a saúde e o ambiente e não para a receita dos agronegócios.
- Obrigada pela atenção,
XXX XXXX

APÊNDICE

FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES SOBRE O CANDIDATO

Nacionalidade	
Há quanto tempo está no Brasil?	
Idade	
Sexo	
Escolaridade	
Língua Materna	
Demais línguas que fala	
Países em que morou	
Pretende fazer ou já fez Celpe-Bras?	
Se já participou do exame, em qual ano e qual nível obteve?	
Como aprendeu português?	
Há quanto tempo e onde estuda português?	
Observações	
Informações	